

MARILIA  
DE  
DIRCEO.  
POR T. A. G.

PRIMEIRA PARTE.

*Nova edição.*



RIO DE JANEIRO.  
NA IMPRESSÃO REGIA.

*Com Licença de S. A. R.*

1810.

MARIA

DE

DIRECÇÃO

FOR. T. A. G.

ALVARO PARETO

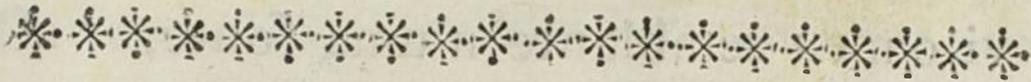
1810

RIO DE JANEIRO.

NA IMPRESSÃO REGIA

Com o Typographo de S. A. M.

1810



# MARILIA

DE

# DIRCEO.



## LYRA I.

**E**u, Marilia, não sou algum vaqueiro,  
 Que viva de guardar alheio gado,  
 De tosco trato, de expressões grosseiro,  
 Dos frios gelos, e dos sóes queimado.  
 Tenho proprio casal, e nelle assisto;  
 Dá-me vinho, legume, fruta, azeite,  
 Das brancas ovelhinas tiro leite,  
 E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marilia bella,  
 Graças á minha Estrella!

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,  
Dos annos inda não está cortado :  
Os Pastores , que habitão este monte ,  
Respeitão o poder do meu cajado.  
Com tal destreza toco a sanfoninha ,  
Que inveja até me tem o proprio Alceste :  
Ao som della concerto a voz celefte ;  
Nem canto letra que não seja minha.

Graças , Marilia bella ,  
Graças á minha Estrella !

Mas tenho tantos dotes da ventura ,  
Só aprêço lhes dou , gentil Pastora ,  
Depois que o teu affecto me segura ,  
Que queres do que tenho ser Senhora.  
He bom , minha Marilia , he bom ser dono  
De num rebanho , que cubra monte , e prado ;  
Porém , gentil Pastora , o teu agrado  
Vale mais que hũ rebanho , e mais que hũ throno.

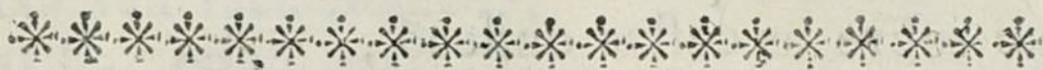
Graças , Marilia bella ,  
Graças á minha Estrella !

Os teus olhos espalhão luz divina,  
A quem a luz do Sol em vão se atreve:  
Papoila, ou rosa delicada, e fina,  
Te cobre as faces, que são côr da neve.  
Os teus cabellos são huns fios d'ouro;  
Teu lindo corpo balsamos vaporá.  
Ah! não, não fez o Ceo, gentil Pastora,  
Fara gloria de Amor igual Thesouro.  
Graças, Marilia bella,  
Graças á minha Estrella!

Leve-me a sementeira muito embora  
O rio sobre os campos levantado:  
Acabe, acabe a peste matadora,  
Sem deixar huma rez, o nedio gado.  
Já destes bens, Marilia, não preciso:  
Nem me céga a paixão, que o mundo arrasta,  
Para viver feliz, Marilia, basta  
Que os olhos movas, e me dês hum riso.  
Graças, Marilia bella,  
Graças á minha Estrella!

Hirás a divertir-te na floresta ,  
 Sustentada , Marilia , no meu braço ;  
 Aqui descansarei a quente sésta ,  
 Dormindo hum leve somno em teu regaço ;  
 Em quanto a luta jogaõ os Pastores ,  
 E emparelhados correm nas campinas ,  
 Toucarei teus cabellos de boninas ,  
 Nos troncos gravarei os teus louvores.  
 Graças , Marilia bella ,  
 Graças á minha Estrella !

Depois que nos ferir a mão da arte  
 Ou seja neste monte , ou n' outra serra ,  
 Nossos corpos teraõ , teraõ a sorte  
 De consumir os dous a mesma terra.  
 Na campa , rodeada de cyprestes ,  
 Lerãõ estas palavras os Pastores :  
 ,, Quem quizer ser feliz nos seus amores ,  
 ,, Siga os exemplos , que nos derãõ estes ,,  
 Graças , Marilia bella ,  
 Graças á minha Estrella !



LYRA II.

**P**INTÃO, Marilia, os Poetas  
 A hum menino vendado  
 Com huma aljava de settas,  
 Arco empunhado na mão:  
 Ligeiras azas nos hombros,  
 Ctenro corpo despido;  
 E de Amor, ou de Cupido  
 São os nomes que lhe dão.

Porém eu, Marilia, nego,  
 Que affim seja Amor; pois elle  
 Nem he moço, nem he cégo,  
 Nem settas, nem azas tem.  
 Ora pois, eu vou formar-lhe  
 Hum retrato mais perfeito,  
 Que elle já ferio meu peito;  
 Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabellos ,  
Que sobre as costas ondeaõ ,  
Saõ que os de Apollo mais bellos ;  
Mas de loura cõr naõ saõ.  
Tem a cõr da negra noite ;  
E com o branco do rosto  
Fazem , Marilia , hum composto  
Da mais formosa uniaõ.

Tem redonda , e liza testa :  
Arqueadas sobancelhas ;  
A voz meiga , a vista honesta ,  
E seus olhos saõ huns sóes.  
Aqui vence Amor ao Ceo ,  
Que no dia luminoso  
O Ceo tem hum Sol formoso ,  
E o travesso Amor tem dous.

Na sua face mimosa,  
Marilia, estão misturadas  
Purpureas folhas de rosa,  
Branças folhas de jasmim.  
Dos rubins mais preciosos  
Os seus beijos são formados;  
Os seus dentes delicados  
São pedaços de marfim.

Mal vi o rosto perfeito  
Dei logo um suspiro, e elle  
Conheceu haver-me feito  
Estrago no coração.  
Punha em mim os olhos, quando  
Entendia eu não olhava:  
Vendo que o via, baixava  
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe hum dia formoso ;  
Elle ouvindo os seus louvores  
Com hum modo desdenhoso ,  
Se surrio , e não fallou.  
Pintei-lhe outra vez o estado ,  
Em que estava esta alma posta ;  
Não me deo tambem resposta ,  
Constrangeo-se , e suspirou.

Conheço os signaes , e logo  
Animado da esperança ,  
Busco dar hum desaffogo  
Ao cansado coração.  
Pégo em seus dedos nevados ,  
E querendo dar-lhe hum beijo ,  
Cubrio se todo de pejo ,  
E fugio-me com a mão.

Tu , Marilia , agora vendo  
 De Amor o lindo retrato ,  
 Comtigo estarás dizendo ,  
 Que he este o retrato teu.  
 Sim , Marilia , a copia he tua ,  
 Que Cupido he Deos suposto :  
 Se ha Cupido he só teu rosto ,  
 Que elle foi quem me venceo.



## L Y R A III.

**D**E amar , minha Marilia , a formosura  
 Não se podem livrar humanos peitos.  
 Adorão os Heróes , e os mesmos brutos  
 Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.  
 Quem , Marilia , despreza huma belleza ,  
 A luz da razão precisa ,  
 E se tem discurso , pisa  
 A Lei , que lhe ditou a Natureza.

Cupido entrou no Ceo. O grande Jove  
Huma vez se mudou em chuva de outro:  
Outras vezes tomou as varias fórmas  
De General de Thebas, velha, e touro.  
O proprio Deos da Guerra deshumano  
Não viveo de amor illeso;  
Quiz a Venus, e foi prezo  
Na rede, que lhe armou o Deos Vulcano.

Se amar huma belleza se desculpa  
Em quem ao proprio Ceo, e terra move;  
Qual he a minha gloria, pois ingrato,  
Ou excedo no amor ao mesmo Jove?  
Amou o Pai dos Deoses Soberano  
Hum semblante peregrino:  
Eu adoro o teu divino,  
O teu divino rosto, e sou humano.



## LYRA IV

**M**ARILIA, teus olhos  
Sã réos, e culpados,  
Que soffra, e que beije  
Os ferros pezados  
De injusto Senhor.

Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,  
O sangue gelou-se,  
A lingua prendeo-se,  
Tremi, e mudou-se  
Das faces a côr.

Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

A vista furtiva,  
O riso imperfeito,  
Fizerão a chaga,  
Que abriste no peito  
Mais funda, e maior.

Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

Dispuz-me a servir-te;  
Levava o teu gado  
A' fonte mais clara,  
A' vargem, e prado  
De relva melhor.

Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

Se vinha da herdade,  
Trazia nos ninhos  
As aves nascidas,  
Abrindo os biquinhos  
De fome ou temor.

Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

Se alguém te louvava  
De gosto me enchia ;  
Mas sempre o ciúme  
No rosto accendia  
Hum vivo calor.

Marilia , escuta  
Hum triste Pastor.

Se tu avas alegre ,  
Diu se alegrava ;  
Se tu avas sentida ,  
Dirceo suspirava  
A' força da dor.

Marilia , escuta  
Hum triste pastor.

Fallando com Laura ,  
Marilia dizia ;  
Surria-se aquella ,  
E eu conhecia  
O erro de amor.

Marilia , escuta  
Hum triste Pastor.

Moviça, Marilia,  
 De tan a ternura,  
 Nos braços me déste,  
 Da tua fé Pura  
 Hum doce penhor.

Marilia, escuta  
 Hum triste Pastor.

Tu mesma disseste  
 Que tudo podia  
 Mudar de figura;  
 Mas nunca seria  
 Teu peito traidor.

Marilia, escuta  
 Hum triste Pastor.

Tu já te mudaste;  
 E a Olaia frondoza,  
 Aonde escreveste  
 A jura horrorosa,  
 Tem todo o vigor.

Marilia, escuta  
 Hum triste Prstor.

Mas eu te desculpo ,  
 Que o fado tyrauno  
 Te obriga a deixar-me ;  
 Pois busca o meu damno  
 Da sorte , que for.

Marilia , escuta  
 Hum triste Pastor.



L Y R A V .

**A** CASO são estes  
 Os sitios formosos ,  
 Aonde passava  
 Os annos gostosos ?  
 São estes os prados ,  
 Aonde brincava ,  
 Em quanto pastava  
 O manso rebanho ,  
 Que Alceo me deixou ?

São estes os sitios?  
São estes ; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marilia , tu chamas ?  
Espera que eu vou.

Daquelle penhasco  
Hum rio cahia ,  
Ao som do sussurro  
Que vezes dormia !  
Agora não cobrem  
Espumas nevadas  
As pedras quebradas :  
Parece que o rio  
O curso voltou.

São estes os sitios ?  
São estes ; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marilia , tu chamas ?  
Espera que eu vou.

Meus versos alegre

Aqui repetia:

O Eco as palavras

Tres vezes dizia.

Se chamo por elle

Já não me responde;

Parece se esconde,

Cansado de dar-me

Os ais que lhedou.

São estes os sitios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?

Espera que eu vou.

Aqui hum regato

Corria sereno,

Por margões cobertas

De flores, e feno:

A' esquerda se erguia

Hum bosque fechado;

E o tempo apressado,

Que nada respeita,

Já tudo mudou.

São estes os sitios ?

São estes ; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia , tu chamas ?

Espera que eu vou.

Mas como discorro ?

Acaso podia

Já tudo mudar-se

No espaço de hum dia ?

Existem as fontes ,

E os freixos copados ;

Dão flores os prados ,

E corre a cascata ,

Que nunca seccou .

São estes os sitios ?

São estes ; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia , tu chamas ?

Espera que eu vou.

Minha alma , que tinha  
Liberta a vontade ,  
Agora já sente  
Amor , e saudade.  
Os sitios formosos ,  
Que já me agradarão ,  
Ah ! não se mudarão !  
Mudarão-se os olhos ,  
De triste que estou.

São estes os sitios ?

São estes ; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia , tu chamos ?

Espera que eu vou.



## L Y R A VI.

**U**H! quanto pôde em nós a varia Estrella  
Que diversos que são os genios nossos!

Qual solta a branca vélla,  
E affronta sobre o pinho os mares grossos  
Qual cinge com a malha o peito duro;  
E marchando na frente das cohortes,  
Faz a torre voar, cahir o muro.

O sordido avarento em vão <sup>defende</sup> ~~trabalha~~,  
Que possa o filho entrar no seu Thesouro.

Aqui fechado estende  
Sobre a taboa, que verga, as barras de ouro.  
Sacode o jogado: do copo os dados;  
E n'uma noite só, que ao somno rouba,  
Perde o resto dos bens do pai herdados.

O que da voráz gulla o vicio adora  
Da lauta meza os prazeres fia.

E o terno Alceste chora \* \* \* \* \*  
Ao som dos versos a que o genio o guia.  
O sabio Gallileo toma o compasso ,  
E sem voar ao Ceo , calcula , e mede  
Das Estrellas , e Sol o immenso espaço.

Em quanto pois , Marilia , a varia gente ;  
Se deixa conduzir do proprio gosto ;

Passo as horas contente  
Notando as graças do teu lindo rosto.  
Sem ansar-me a saber se o Sol se móve ,  
Ou se a terra voltea , assim conheço  
Aonde chega a mão do grande Jove.

Noto , gentil Marilia , os teus cabellos ;  
E noto as faces de Jasmims , e rosas :

Noto os teus olhos bellos  
Os brancos dentes , e as feições mimosas.  
Quem fez huma obra tão perfeita , e linda ,  
Minha bella Marilia , tambem pôde  
Fazer os Ceos , e mais , se ha mais ainda.



## L Y R A VII:

**V**ou retratar a Marilia,  
 A Marilia meus amores;  
 Porém como, se eu não vejo  
 Quem me empreste as finas cores!  
 Dar-mas a terra não póde;  
 Não, que a sua côr mimosa  
 Vence o lyrio, vence a rosa:  
 O jasmim, e as outras flores.  
     Ah socorre, Amor, socorre  
     Ao mais grato empenho meu!  
     Vôa sobre os Astros, vôa,  
     Traz-me as tintas do Ceo.

Mas não se esmoreça logo ;  
Busquemos hum pouco mais ;  
Nos mares talvez se encontrem  
Cores que sejam iguaes.  
Porém não , que em paralelo  
Da minh Ninfa adorada  
Perolas não valem nada ,  
Não valem nada os coraes.

Ah soccorre , Amor , soccorre

Ao mais grato empenho meu !

Vôa sobre os Astros , vôa ,

Traze-me as tintas do Ceo.

Só no Ceo achar se podem  
Taes bellezas , como aquellas ,  
Que Marilia tem nos olhos ,  
E que tem nas faces bellas.  
Mas ás faces graciosas ,  
Aos negros olhos , que matão ,  
Não imitão , não retratão  
Nem Auroras , nem Estrellas.

Ah soccorre , Amor , soccorre  
 Ao mais grato empenho meu !  
 Vôa sobre os Astros , vôa ,  
 Traz-me as tintas do Ceo.

Entremos , Amor , entremos ,  
 Entremos na mesma Esfera.  
 Venha Pallas Venha Juno ,  
 Venha a Deosa de Cithera.  
 Porém não , que se Marilia  
 No certame antigo entrasse ,  
 Bem que a Paris não peitasse ,  
 A todas as tres vencera.

Vai-te , Amor , em vão soccorres  
 Ao mais grato empenho meu :  
 Para formar-lhe o retrato  
 Não bastão tintas do Ceo.

## L Y R A VIII.

**M**ARILIA, de que te queixas?

De que te roube Dirceo

O sincero coração?

Não te deu também o seu?

E tu, Marilia, primeiro

Não lhe lançaste o grilhão?

Todos amão: só Marilia

Desta Lei da Natureza

Queria ter izenção?

Em torno das castas pombas

Não rulão ternos pombinhos

E rulão, Marilia, em vão?

Não se afagão c'os biquinhos?

E a provas de mais ternura

N' os arrasta a paixão?

Todos amão: só Marilia

Desta Lei da Natureza

Queria ter izenção?

Já viste , minha Marilia ,  
Avezinhas , que não fação  
Os seus ninhos no verão ?  
Aquellas com quem se enlação  
Não vão cantar-lhe defronte  
Do molle pouzo em que estão ?  
Todos amão : só Marilia  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter izeção ?

Se os peixes , Marilia , gerão  
Nos bravos mares , e rios ,  
Tudo effeitos de Amor são.  
Amão os brutos impios ,  
A serpente venenosa ,  
A Onça , o Tigre , o Leão.  
Todos amão : só Marilia  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter izeção ?

As grandes Deosas do Ceo ,  
Sentem a setta tyrana  
Da amorosa inclinação.

Diana , com ser Diana ,  
Não se abrasa , não suspira  
Pelo amor de Endymião ?

Todos amão : só Marilia

Desta Lei da Natureza

Queria ter izenção

Desiste , Marilia bella ,  
De huma queixa sustentada  
Só na altiva opinião.  
Esta chamma he inspirada  
Pelo Ceo ; pois nella assenta  
A nossa conservação,  
Todos amão : só Marilia  
Desta Lei da Natureza  
Não deve ter izenção.

## L Y R A IX,

**E**u sou , gentil Marilia , eu sou captivo ,  
 Porem não me venceo a mão armada

De ferro , e de furor :

Huma alma sobre todas elevada

Não cede a outra força que não seja :

A' tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora  
 Cadêas nas bigornas trabalhadas

Com pezados martellos :

Eu tenho as minhas mãcs ao carro atadas

Com duros ferros não , com fios d'ouro ,

Que são os teus cabellos.



X  
L Y R A X.

**S**E existe hum peito ,  
 Que izento viva  
 Da chamma activa ,  
 Que accende Amor.  
 Ah ! não habite  
 Neste montado ;  
 Fuja apressado  
 Do vil traidor.

Corra , que o Impio  
 Aqui se esconde :  
 Não sei aonde ;  
 Mas sei o que vi.  
 Traz novas settas ,  
 Arco - busto ;  
 Tremi - c - susto ;  
 Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos,  
Tristes mortaes,  
Quantos signaes  
O Impio tem.

Oh! como he justo;  
Que todo o humano  
Hum tal tyranno  
Conheça bem!

No corpo ainda  
Menino existe:  
Mas quem refiste  
Ao braço seu?

Ao negro Inferno  
Levou a guerra:  
Vencêo a terra,  
Vencêo o Ceo.

Jámais se cobrem  
Seus membros bellos;  
E os seus cabellos  
Que lindos são!

Vendados olhos,  
Que tudo alcanção,  
E já mais lançaõ  
A setta em vão.

As suas faces  
São cor de neve;  
E a bocca breve  
Só r'izos tem.

Mas, ah! respira  
Negros venenos,  
Que nem ao menos  
Os olhos vem.

Aljava grande  
Dependurada,  
Sempre atacada  
De bons farpões.  
Fere com estas  
Agudas lanças,  
Pombinhas mansas,  
Bravos leões.

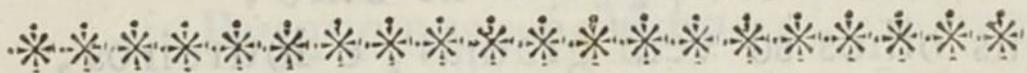
Se a setta falla  
Tem outra prompta,  
Que a dura ponta  
Já mais torcêo.

Niguem resiste  
Aos golpes della:  
Marilia bella  
Foi quem lha dêo.

Ah!

Ah ! não sustente  
 Dura peleija ,  
 O que deseja  
 Ser vencedor.

Fuja , e não olhe ,  
 Que só fugindo  
 De hum rosto lindo ,  
 Se vence Amor.



## L Y R A XI.

**N**ÃO toques ,minha Musa , não , não toques  
 Na sonora Lyra ,  
 Que ás almas , como a minha , namoradas  
 Doces Canções inspira :  
 Assopra no clarim , que apenas sôa  
 Enche de assombro a terra ;  
 Naquelle , a cujo som cantou Homero ,  
 Cantou Virgilio a Guerra.

Busquemos, ó Marilia,  
Empreza maior;  
Deixemos as ternas  
Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças, de que fórma  
Cupido o seu thezouro:  
Vivos olhos, e faces côr da neve,  
Com crespos fios de ouro;  
Meus olhos só vem grammas, e loureiros;  
Vem carvalhos, e palmas  
Vem os ramos honrosos, que distinguem  
As vencedoras almas.

Busquemos, ó Musa,  
Empreza maior;  
Deixemos as ternas  
Fadigas de Amor.

Cantemos o Heróe , que já no berço  
As Serpes despedaça ;  
Que fere os Cácos , que destronca as Hidras ,  
Mais os lões que abraça.  
Cantemos , se isto he pouco , a dura guerra  
Dos Titões , e Tyféos ,  
Que arrancão as montanhas , e atrevidos  
Levão armas aos Ceos.

Busquemos , ó Musa ,  
Empreza maior ;  
Deixemos as ternas  
Fadigas de amor.

Anima pois , ó Musa , o instrumento ,  
Que a voz tambem levanto ;  
Porém tu déste muito acima o ponto ,  
Dirceo não póde tanto :  
Abaixa , minha Musa , o tom , que ergueste ;  
Eu já , eu já te sigo.  
Mas , ah ! vou a dizer *Heróe* , e *Guerra* ,  
E só *Marilia* digo.

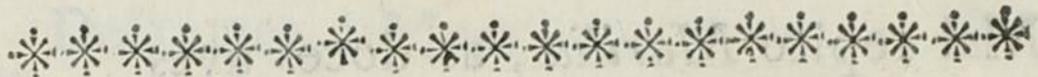
Deixemos ó Musa ,  
Empreza maior ,  
Só posso seguir-te  
Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro ? Ah ! sim , agora  
Meu canto ja se afina ;  
E a humana voz , parece que ao som dellas  
Se faz tambem divina.  
O mesmo que cercou de muro a Thebas  
Não canta assim tão terno ;  
Nem póde competir comigo aquelle ,  
Que desce ao negro Inferno.

Deixemos , ó Musa ,  
Empreza maior ,  
Só posso seguir-te  
Cantando de Amor.

Mal repito *Marilia*, as doces avês  
Mostrão signaes de espanto,  
Erguem os collos, voltão as cabeças,  
Parão o ledô canto;  
Move-se o tronco, o vento se suspende,  
Pasma o gado, e não come:  
Quanto podem meus versos! Quanto pôde  
Sò de *Marilia* o nome!

Deixemos, ó *Musa*,  
Empreza maior;  
Só posso seguir-te  
Cantando de Amor.



## L Y R A XII.

**T**OPEI hum dia  
 Ao Deos vendado,  
 Que descuidado  
 Não tinha as settas  
 Na impia mão.

Mal o conheço  
 Me sóbe logo  
 Ao rosto o fogo,  
 Que a raiva accende  
 No coração.

*Morre, tyrano,*  
*Morre inimigo!*  
 Mal isto digo,  
 Raivoso o aperto  
 Nos braços meus.

Tanto que o moço  
 Sente apertar-se,  
 Para salvar-se  
 Tambem me aperta  
 Nos braços seus.

O leve corpo  
Ao ar levanto ;  
Ah ! e com quanto  
Impulso o trago  
Do ar ao chão !  
Poude suster-se  
A vez primeira ;  
Mas á terceira  
Nos pés , que alarga ,  
Se firma em vão .

Mal o derrubo ,  
Ferre aguçado  
No já cançado  
Peito , que arqueja ,  
Mil golpes dêo .  
Suou seu corpo ;  
Tremêo gemendo ;  
E a côr perdendo ,  
Batêo as azas ;  
E fim morreo .

Qua

Qual bravo Alcides,  
Que a hirsuta pelle  
Vestio daquelle  
Grenhoso bruto,  
A quem matou.

Para que prove  
A empreza honrada,  
C'o a mão manchada,  
Recolho as settas,  
Que me deixou.

Ouvio Marilia  
Que Amor gritava,  
E como estava  
Vizinha ao sitio  
Valer-lhe vem.

Mas quando chega  
Espavorida,  
Nem já de vida  
O féro monstro  
Indicio tem.

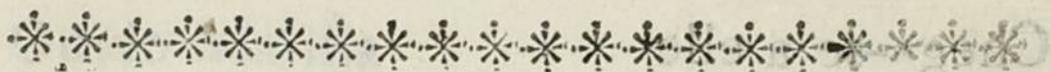
Então Marília ,  
 Que o vê de perto  
 De pó cuberto ,  
 E todo involto  
 No sangue seu ;  
 As mãos aperta  
 No peito brando ,  
 E afflicta dando  
 Hum ai , os olhos  
 Levanta ao Ceo.

Chega-se a elle  
 Compadecida ;  
 Lava a ferida  
 C'o pranto amargo ,  
 Que derramou.

Então o monstro  
 Dando hum suspiro ,  
 Fazendo hum gyro  
 C'o a baça vista ,  
 suscitou.

Respira a Deosa ;  
 E vem o gosto  
 Fazer no rosto  
 O mesmo effeito ,  
 Que fez a dôr.

Que louca idéa  
 Foi a que tive !  
 Em quanto vive,  
 Marilia bella ,  
 Não morre Amor.



LYRA XIII.

**O**H ! quantos riscos,  
 Marilia bella,  
 Não atropella  
 Quem cégo arrasta  
 Grillhões de Amor !

Hum peito forte,  
 De acordo falto,  
 Zomba do assalto  
 Do vil traidor.

O amante de Hero  
Da luz guado,  
C'o peito ousado,  
Na escura noite  
Reapia o mar.

Se o Helesponto  
Se encapelava,  
Ah! não deixava  
De lhe ir fallar.

Do cantor Thracio  
A heroicidade,  
Esta verdade,  
Minha Marilia,  
Próva tambem.

Cheio de esforço  
Vai ao Cocito,  
Buscar afflito  
Seu doce bem.

Que acção tão grande  
Nunca intentada!  
Ao pé da entrada  
Já tudo assusta  
O coração!

Pendentes rochas,  
Campos adustos,  
Que nem arbustos,  
Nem hervas dão.

Na funda fralda  
De calvo monte,  
Corre Acheronte,  
Rio de ardente  
Mortal licor.

Tem o barqueiro  
Testa enrugada,  
Vista iuflammada,  
Que mette horror.

Que

Que seguranças !  
Que fechaduras !  
As portas duras  
Não são de lenhos ;  
De ferro são.

Por tres gargantas ,  
Quando alguém bate ,  
Raivoso late  
O negro cão.

Dentro da cova  
São lamentos ;  
E que tormentos  
Não mostra aos olhos  
A escassa luz !

Minos a pena  
Manda se intime  
Igual ao crime ,  
Que alli conduz.

Grande penedo  
Este carrega ;  
E apenas chega  
Do monte ao cume ,  
O faz rolar.

A pedra sempre  
Ao valle desce ,  
Sem que elle cesse  
De a ir buscar.

Nas limpas aguas  
Habita aquelle :  
Por cima delle  
Verdejão ramos ,  
Que pomos dão.

De balde a bocca  
Molhar pertende ;  
De balde estende  
Faminta mão.

Tem outro o peito  
Despedaçado :  
Monstro esfaimado  
Já mais descança  
De l. o roer.

A roxa carne ,  
Que abutre come ,  
Não se consome ,  
Torna a crescer.

Mas bem que tudo  
Pavor inspira ,  
Tocando a lyra  
Desce ao Averno  
O bom Cantor.

Não se entorpece  
A liugua , e braço ;  
Não teme o passo ,  
Não perde a côr.

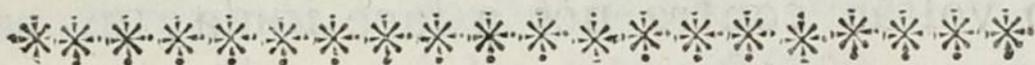
Ah!

Ah ! tambem quanto  
Dirceo obrara,  
Se precizára,  
Marilia bella,  
Do esforço séu !

Rompera os mares  
C' o peito terno,  
Fôra ao Inferno,  
Subira ao Ceo.

Aos dois amantes,  
De Thracia, e Abydo,  
Nã deo Cupido  
Do que aos mais todos  
Maior valor.

Por seus vassallos  
Forças reparte ;  
Como lhes parte  
Os grãos de Amor.



## L Y R A XIV.

**M**INHA bella Marilia , tudo passa ;  
 A sorte deste mundo he mal segura ;  
 Se vem depois dos males a ventura ,  
 Vem depois dos prazeres a desgraça.

Estão os mesmos Deoses  
 Sujeitos ao poder do impio Fado :  
 Apollo já fugio do Ceo brilhante ,  
 Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte  
 Acaba de roubar o bem que temos ;  
 Até na triste campa não podemos  
 Zombar do braço da inconstante sorte.

Qual fica no Sepulcro ,  
 Que seus avós erguêrão , descansado :  
 Qual no campo , e lhe arranca os frios ossos  
 Ferro do torto arado.

Ah!

Ah! em quanto os Destinos impiedosos  
Não voltão contra nós a face irada,  
Façamos, sim façamos, doce amada,  
Os nossos breves dias mais ditosos.

Hum coração que frouxo  
A grata posse de seu bem differe,  
A si, Marilia, a si proprio rouba,  
E a si proprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores;  
E façamos de feno hum brando leito,  
Prendamo-nos, Marilia, em laço estreito,  
Gozemos do prazer de sãos Amores.

Sobre as nossas cabeças,  
Sem que o possão deter, o tempo corre  
E para nós o tempo, que se passa,  
Tambem, Marilia, morre.

Com os annos, Marilia, o gosto falta,  
E se entorpece o corpo já cançado;  
Triste o velho cordeiro está deitado,  
E o leve filho sempre alegre salta.

A mesma formosura  
He uote que só goza a mocidade:  
Rugão-se as faces, o cabello alveja,  
Mal chega a longa idade.

Que havemos d' esperar, Marilia bella?  
Que vão passando os florecentes dias?  
As glorias, que vem tarde, já vem frias;  
E póde em fim mudar-se a nossa estrella.

Ah! não, minha Marilia,  
Aproveite-se o tempo, antes que faça  
O estrago de roubar ao corpo as forças  
E ao semblante a graça.



## L Y R A X V.

**A** MINHA bella Marilia  
Tem de seu hum bom thesouro  
Não he , Alceo , formado  
Do buscado  
Metal louro.  
He feito de huns alvos dentes :  
He feito de huns olhos bellos :  
De humas faces graciosas ,  
De crespos , finos cabellos ;  
E de outras graças maiores ;  
Que a natureza lhe deo :  
Bens que valem sobre a terra ,  
E que tem valor no Ceo.

Eu posso romper os montes  
Dar ás correntes desvios ;  
Por cercados espaçosos  
Nos caudosos  
Turvos rios.  
Posso emendar a ventura  
Ganhando astuto a riqueza ;  
Mas , ah ! caro Alceo , quem póde  
Ganhar huma só belleza  
Das bellezas , que Marilia  
No seu thesouro metteo ?  
Bens , que valem sobre a terra ,  
E que tem valor no Ceo.

Da sorte que vive o rico ,  
Entre o fausto alegremente ,  
Vive o guardador de gado  
Apoucado ,  
Mas contente.

Beije pois torpe avarento  
As arcas de barras chêas :  
Eu não beijo os vis thesouros ;  
Beijo as douradas cadêas ;  
Beijo as settas , beijo as armas  
Com que o cégo Amor venceo :  
Bens , que valem sobre a terra ,  
E que tem valor no Ceo.

Ama Apollo , o fero Marte ;  
Ama , Alceo , o mesme Jove :  
Não he não a vã riqueza ,  
    Sim belleza  
    Quem os move.

Posto ao lado de Marilia  
Mais que mortal me contemplo :  
Deixo os bens que aos homens cêgão ,  
Sigo dos Deoses o exemplo :  
Amo virtudes , e dotes ;  
Amo em fim , prezado Alceo ,  
Bens que valem sobre a terra ,  
E que tem valor no Ceo.



## L Y R A XVI.

**E**u, Glauceste, não duvido  
Ser a tua Eulina amada

Pastora formosa,

Pastora engraçada.

Vejo a sua côr de rosa,

Vejo o seu olhar divino,

Vejo os seus purpureos beiços,

Vejo o peito crystalino;

Nem ha cousa que se assemelhe

Ao crespo cabelo louro.

Ah! que a tua Eulina vale,

Vale hum immenso thesouro!

Ella vence muito, e muito

A' lorangeira copada,

Estando de flores,

E fructos ornada.

He,

He , Glauceste , os teus Amores ;  
E nem por outra Pastora ,  
Que menos dotes tivera ,  
Ou que menos bella fôra ,  
O meu Glauceste cançára  
As divinas cordas de ouro.  
Ah ! que a tua Eulina , vale ,  
Vale hum immenso thesouro !

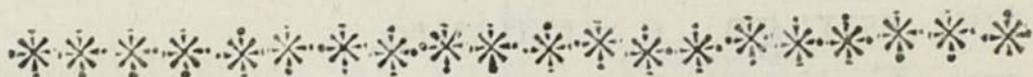
Sim , Eulina he huma Deosa ;  
Mas anima a formosura  
De huma alma de féra ,  
Ou ainda mais dura.  
Ah ! quando Alceo pondéra  
Que o seu Glaucesse suspira ,  
Perde , perde o sofrimento ,  
E qual enfermo delira !  
Tenha embora brancas faces ,  
Meigos olhos , fios de ouro ,  
A tua Eulina não vale ,  
Não vale immenso thesouro.

O fuzil, que imita a cobra ;  
Tambem aos olhos he bello ;  
Mas quando alunêa  
Tu tremes de vélo.

Que importa se mostre chêa  
De mil bellezas a ingrata ,  
Não se julga formosura  
A formosura que mata.  
Evita , Glauceste , evita  
O teu estrago , e desdouro.  
A tua Eulina não vale ,  
Não vale immenso thesouro.

A minha Marilia quanto  
A' natureza não deve !  
Tem divino rosto ,  
E tem mãos de neve.

Se mostro na face o gosto ,  
 Ri-se Marilia contente :  
 Se canto , canta comigo ;  
 E apenas triste me sente ,  
 Limpa os olhos com as tranças  
 Do fino cabello louro.  
 A minha Marilia vale ,  
 Vale hum immenso thesouro.



## L Y R A XXIII.

**M**INHA Marilia  
 Tu enfadada ?  
 Que mão ousada  
 Perturbar póde  
 A paz sagrada  
 Do peito teu ?

Porém que muito  
Que irado esteja  
O teu semblante,  
Tambem troveja  
O claro Ceo.

Eu sei, Marilia,  
Que outra Pastora  
A toda a hora,  
Em toda a parte,  
Céga namora  
Ao teu Pastor.

Ha sempre fumo  
Aonde ha fogo ;  
Assim, Marilia,  
Ha zelos, logo  
Que existe amor.

Olha , Marilia ,  
Na fonte pura  
A tua alvura ,  
A tua boca ,  
E a compostura  
Das mais feições .

Quem tem teu rosto ,  
Ah ! não receia ,  
Que terno amante  
Solte a cadeia ,  
Quebre os grilhões .

Não anda Laura  
Nestas campinas  
Sem as boninas  
No seu cabelo ,  
Sem pelles finas  
No seu jubão .

Porém que importa?  
O rico aceio  
Não dá, Marília,  
Ao rosto feio  
A perfeição.



## L Y R A XVIII.

**N**ÃO ves aquelle velho respeitavel,  
Que á moleta encostado,  
Apenas mal se move, e mal se arrasta?  
Oh quanto estrago não lhe fez o tempo?  
O tempo arrebatado,  
Que o mesmo bronze gasta.

Enrugárão-se as faces, e perdêrão  
Seus olhos a viveza;  
Voltou-se o seu cabello em branca neve:  
Já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo;  
Nem tem huma belleza  
Das bellezas que teve.

Assim tambem serei, minha Marilia  
Daqui a poucos annos;  
Que o impio tempo para todos corre.  
Os dentes cahirão, e os meus cabellos.  
Ah! sentirei os damnos,  
Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei huma velhice  
Muito menos penoza.  
Não trarei a moleta carregada:  
Descançarei o já vergado corpo  
Na tua mão piedoza,  
Na tua mão nevada.  
As frias tardes em que negra nuvem  
Os chuveiros não lance,  
Irei contigo ao prado florescente:  
Aqui me buscarás hum sitio ameno,  
Onde os membros descance,  
E ao brando Sol me aquente.

Apenas me sentar, então movendo  
Os olhos por aquella  
Vistoza parte, que ficar fronteira;  
Apontando direi: *Alli fallámos,*  
*Alli, o minha bella,*  
*Te vi a vez primeira.*

Verterão os meus olhos duas fontes,  
Nascidas de alegria:  
Faraõ teus olhos ternos outro tanto:  
Então darei, Marilia, frios beijos,  
Na mão formosa, e pia,  
Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marilia, docemente  
Meu corpo supportando  
Do tempo deshumano a dura guerra.  
Contente morrerei, por ser Marilia  
Quem sentida chorando,  
Meus baços olhos cerra.



## L Y R A XIX.

**E**M quanto pasta alegre o manso gado ,  
 Minha bella Marilia , nos sentemos  
 A' sombra deste cedro levantado.

Hum pouco meditemos  
 Na regular belleza ,  
 Que em tudo quanto vive , nos descobre  
 A sabia Natureza.

Attende , como aquella vaca preta  
 O novillinho seu dos mais separa ,  
 E o lambe , em quanto chupa a liza teta.  
 Attende mais , ó chara ,  
 Como a ruiva cadella  
 Supporta que lhe morda o filho o corpo ,  
 E salte em cima della.

Repara, como cheia de ternura  
 Entre as azas ao filho essa ave aquenta:  
 Como aquella esgravata a terra dura,  
     E os seus assim sustenta;  
     Como se encoleriza,  
 E salta sem receio a todo o vulto,  
     Que junto delles piza.

Que gosto não terá a espoza amante  
 Quando der ao filhinho o peito brando,  
 E reflectir então no seu semblante!  
     Quando, Marília, quando  
     Disser comigo: *he esta*  
*De teu querido pai a mesma barba,*  
     *A mesma bocca, e testa.*

Que gosto não terá a mãe, que toca,  
 Quando o tem nos seus braços, e' o dedinho  
 Nas faces graciosas, e na bocca  
     Do innocente filhinho!  
     Quando, Marilia bella,  
 O terno infante já com risos mudos  
     Começa a conhecê-la!

Que



Nas folhas viçosas  
A abelha enraivada  
O corpo escondeo.  
Tocou-lhe Marilia,  
Na mão descuidada  
A féra mordeo.

Apenas lhe morde,  
Marilia gritando,  
C'o dedo fugio.  
Amor, que no bosque  
Estava brincando,  
Aos ais a'udio.

Mal vio a rotura  
E o sangue espargido,  
Que a Deosa mostrou;  
Risonho beijando  
O dedo offendido,  
Assim lhe fallou.

*Se tu por tão pouco  
O pranto desatas ,  
Ah ! dá-me attenção ;  
E como daquelle ,  
Que feres , e matas ,  
Não tens compaixão ?*



## L Y R A XXI.

**N**ÃO sei , Marilia , que tenho ,  
Depois que vi o teu rosto ;  
Pois quanto não he Marilia ,  
Já não posso ver com gosto.  
Noutra idade me alegrava ,  
Até quando conversava  
Com o mais rude vaqueiro :  
Hoje , ó bella , me aborrece  
Inda o trato lizongeiro  
Do mais discreto pastor.  
Que effeitos são os que sinto !  
Serão effeitos de amor ?

Sáio da minha cabana  
Sem reparar no que faço ;  
Busco o sitio aonde moras ,  
Suspendo defronte o passo.

Fito os olhos na janella ,  
Aondé , Marilia bella ,  
Tu chegas ao fim do dia ;  
Se alguém passa , e te saúda ,  
Bem que seja cortezia ,  
Se accende na face a côr.  
Que effeitos são os que sinto !  
Serão effeitos de Amor ?

Se estou , Marilia , comtigo ,  
Não tenho hum leve cuidado ;  
Nem me lembra , se são horas  
De levar á fonte o gado.

Se vivo de ti distante,  
Ao minuto, ao breve instante,  
Finge hum dia o meu desgosto:  
Já mais, Pastora, te vejo  
Que em teu semblante composto  
Não veja graça maior.  
Que effeitos são os que sinto!  
Serão effeitos de Amor?

Ando já com o juizo,  
Marilia, tão perturbado,  
Que no mesmo aberto sulco  
Metto de novo o arado.

Aqui no centeo pégo,  
Noutra parte em vão o cégo:  
Se alguém comigo conversa,  
Ou não respondo, ou respondo  
Noutra coiza tão diversa,  
Que nexo tão tem menor.  
Que effeitos são os que sinto!  
Serão effeitos de Amor?

Se geme o bufo agoureiro  
 Só Marilia me desvella:  
 Enche-se o peito de magoa,  
 E não sei a causa della.

Mal durmo, Marilia, sonho.  
 Que fero leão medonho  
 Te devora nos meus braços:  
 Gella-se o sangue nas veas.  
 E solto do somno os laços  
 A' força da immensa dor.  
 Ah! que os effeitos que sinto  
 Só são feitos de Amor.



LYRA XXII.

**M**UITO embora, Marilia, muito embora  
 Outra belleza, que não seja a tua,  
 Com a vermelha roda, a seis puxada,  
 Faça tremer a rua.

As paredes da salla aonde habita  
Adorne a seda, e o tremó dourado,  
Pendão largas cortinas, penda o lustre  
Do tecto apainelado.

Tu não habitarás Palacios grandes,  
Nem andarás nos coches voadores;  
Porém terás hum Vate, que te preze,  
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura;  
E da palida morte a mãe tyranña  
Arrazta os edificios dos Augustos,  
E arraza a vil choupana.

Que bellezas, Marilia, florecerão  
De quem nem se quer temos a memoria!  
Só podem conservar hum nome eterno  
Os versos, ou a historia.

Se não houvesse Tasso , nem Petrarcha ,  
 Por mais que qualquer dellas fosse linda ,  
 Já não sabia o mundo , se existirão  
 Nem Laura , nem Clorinda.

He melhor , minha bella , ser lembrada  
 Por quantos hão de vir sabios humanos ,  
 Que ter urcos , ter coches , e thesouros ,  
 Que morrem com os annos.



LYRA XXIII.

**N**UM sitio ameno  
 Cheio de rosas ,  
 De brancos lyrios ,  
 Murtas viçosas ;

Dos seus amores  
 Na companhia  
 Dirceo passava  
 Alegre o dia.

Em tom de graça,  
Ao terno amante  
Manda Marília  
Que toque, e cante.

Péga na lyra,  
Sem que a tempere,  
A voz levanta,  
E as cordas fere.

C'os doces pontos  
A mão atina,  
E a voz iguala  
A voz divina.

Ella, que teve  
De rir-se a idéa,  
Nem move os olhos  
De assombro chêa.

Então Cupido  
 Aparecendo, \*\*\*\*\*  
 A' bella salta  
 Assim dizendo;

Do teu amado  
 A lyra fias.  
 Só porque delle  
 Zombando rias?

Quando n'um peito  
 Assento faço  
 Do peito suoo  
 A' lingua, e braço.

Nem creias que outro  
 Estylo tome,  
 Sendo eu o mestre,  
 A acção teu nome.



## L Y R A XXIV.

**E**NCHEO, minha Marilia, o grande Jove  
De immensos animaes de toda a especie

As terras, mais os ares,  
O grande espaço dos salobres rios,  
Dos negros, fundos mares.

Para sua defeza,  
A todos dêo as armas, que convinha,  
A sabia Natureza.

Dêo as azas aos passaros ligeiros  
Dêo ao peixe escamoso as latitanas:

Dêo veneno a serpente,  
Ao membrudo Elefante a enorme tromba,  
E ao Javali o dente.

Coube ao Leão a garra:  
Com leve pé saltando o Cervo foge;  
E o bravo Touro marra.

Ao homem dêo as armas do discurso  
Que valem muito mais que as outras armas:  
Dêo-lhe dedos ligeiros,  
Que podem converter em seu serviço  
Os ferros, e os madeiros;  
Que tecem fortes laços,  
E forjão raios com que aos brutos cortão  
Os vôos, mais os passos.

A's timidas donzellas pertencerão  
Outras armas, que tem dobrada força:  
Dêo-lhes a Natureza  
Além do entendimento, além dos braços  
As armas da belleza.  
Só ella ao Céu se atreve,  
Só ella mudar pó e o gello em fogo,  
Mudar o fogo em neve.

Eu vejo , eu vejo ser a formosura  
Quem arrancou da mão de Coriolano  
A cortadora espada.  
Vejo que foi de Helena o lindo rosto  
Quem pôz em campo armada  
Toda a força de Grecia  
E quem tirou o Sceptro aos Reis de Roma,  
Só foi , só foi Lucrecia.

Se podem lindos rostos , mal suspirão ,  
O braço desarmar do mesmo Achilles ;  
Se estes rostos irados  
Podem soprar o fogo da discórdia  
Em povos aliados ;  
Hes arbitra da paz  
Tu pôdes dar , Marilia , a todo o mundo  
A paz ; e a dura guerra.



## L Y R A XXV.

**O** Cego Cupido hum dia  
Com os seus Genios fallava,  
Do modo que lhe restava  
De captivar a Dirceo.

Depois de larga disputa,  
Hum dos Genios mais sagazes  
L's e conselho lhe dêo;

As settas mais aguçadas,  
Como se em roca batessem,  
Dão nos seus peitos, e descem  
Todas quebradas ao chão.

Só as graças de Marilia  
Podem vencer hum tão duro,  
Não izento coração.

A fortuna desta empreza  
Consiste em armar-se o laço,  
Sem que sinta ser o braço,  
Que lho prepara, de Amor.

Que elle vive como as aves,  
Que já deixárão as penas  
No visco do Caçador.

Na força deste conselho  
O raivozo Deos socega,  
E á tropa a honra entrega  
De o fazer executar.

Todos pertendem ganha-la,  
Batem as azas ligeiras,  
E vão as armas busca.

Os primeiros se occultarão  
 Da Doesa nos olhos bellos;  
 Qual se enlaçou nos cabellos;  
 Qual ás faces se prendeo.  
 Hum amorinho cansado  
 Cahio dos labios ao seio,  
 E nos peitos se escondeo.

Outro Genio mais astuto  
 E te novo ardil alcança,  
 Muda-se n'uma criança  
 De divino parecer.  
 Esconde as azas, e a venda;  
 E conde as settas, e quanto  
 Tóde dá-lo a conherer.

Ella que vê hum menino  
Todo de graças cuberto,  
Tão rizonho, e tão esperto  
Alli sózinho brincar.

A elle endireita os passos;  
Finge Amor ter medo, e a Deosa  
Mais se empenha em lhe pegar.

Ella corria chamando;  
Elle fugia, e chorava:  
Assim forão onde estava  
O descuidado Pastor.

Este, mal vio a belleza,  
E o gentil menino, entende  
A malicia do traidor.

Põe as mãos sobre os ouvidos,  
Cerra os olhos, e constante  
Não quer ver o seu semblante,  
Não o quer ouvir fallar.

Qual Ulysses noutra idade  
Para illudir as Sereas  
Mandou tambores tocar.

Cupido, que a empreza via,  
Julga o intento frustrado,  
E de raiva transportado  
O corpo no chão lançou.

Traçou a lingua nos dentes;  
Meteo as unhas no rosto,  
E os cabellos arrancou.

O Genio , que se escondia  
Entre os peitos da Pastora ,  
Ergueo a cabeça fóra ,  
E o successo conheceo.

Deixa o socego em que estava ,  
E vai ligeiro metter-se  
No peito do bom Dirceo.

Apenas c'o brando peito  
Lhe tocou a neve fria ,  
Com o calor que trazia  
Lhe abrazou o coração.

Dá o Pastor hum suspiro ,  
Abre os seus olhos , e sólta  
Do apertado ouvido a mão.

Logo que virão os Genios  
Ao triste Pastor disposto  
Para ver o lindo rosto,  
Para as palavras ouvir.

Cada hum as armas toma,  
Cada hum com ellas busca  
Seu terno peito ferir.

Com os cabellos da Deosa  
Lhe fórma hum Cupido laços,  
Que lhe segurão os braços,  
Como se fossem grillhões.

O Pastor já não resiste;  
Antes beija satisfeito  
As suas doces priziões.



## L Y R A XXVI.

**O** DESTRO Cupido hum dia  
 Extrahio mimosas cores  
 De frescos lyrios, e rosas,  
 De jasmins, e de outras flores.

Com as mais delgadas pennas  
 Usa de huma, e de outra tinta,  
 E nos angulos do cobre  
 A quatro bellezas pinta.

Por fazer pensar a todos  
 No seu lizo centro escreve  
 Hum letreiro, que pergunta:  
*Este espaço a quem se deve?*

Venus, que vio a pintura,  
 E leo a letra engenhosa,  
 Pôz por baixo: *eu delle cedo;*  
*Dê-se a Mariiia formosa.*



## L Y R A XXVII.

**A**LEXANDRE, Marilia, qual o rio  
Que engrossando no Inverno tudo arraza,  
Na frente das cohortes  
Cerca, vence, abraza  
As Cidades mais fortes.

For na gloria das armas o primeiro,  
Merreo na flor dos annos, e já tinha  
Vencido tudo inteiro.

Mas este bom Soldado, cujo nome  
Não ha poder algum, que não abata,  
Foi, Marilia, somente  
Hum ditozo pirata,  
Hum salteador valente.

Se não tem huma fama baixa, e escura,  
Foi por se pôr ao lado da injustiça  
A insolente ventura.

O grande Cesar , cujo nome vòã ,  
 A' sua mesma Patria a fé quebranta ;  
 Na mão a espada toma ,  
 Opprime-lhe a garganta ,  
 Dá Senhores a Roma.

Consegue ser heroe por hum delicto ;  
 Se acaso não vencesse então seria  
 Hum vil traidor proscripto.

O ser heroe , Maria , não consiste  
 Em queimar os Imperios: move a guerra ,  
 Espalha o sangue humano ,  
 E despovoa a terra  
 Tambem o mão tyranno.

Consiste o ser heroe em viver justo ;  
 E tanto pôde ser heroe o pobre ,  
 Como o maior Augusto.

Eu he que sou heroe , Marilia bella ,  
Seguindo da virtude a honroza estrada.

Ganhei , ganhei , hum throno.

Ah ! não manchei a espada ,

Não o roubei ao dono.

Ergui-o no teu peito , e nos teus braços :

E valem muito mais que o mundo inteiro

Huns tão ditozos laços.

Aos barbaros , injustos vencedores

Atormentão remorsos , e cuidados ;

Nem descanso seguros

Nos Palacios cercados

De tropa , e de altos muros.

E a quantos nos não mostra a sabia historia

A quem mudou o fado em negro opprobrio

A mal ganhada gloria ?

Eu vivo , minha bella , sim , eu vivo  
 Nos braços do descanso , e mais do gosto :  
 Quando estou acordado ,  
 Contemplo no teu rosto  
 De graças adornado ;  
 Se durmo logo sonho , e alli te vejo.  
 Ah ! nem desperto , nem dormindo sóbe  
 A mais o meu desejo.



L Y R A XXVIII.

**C**UPIDO tirando  
 Dos hombros a aljava,  
 N'um campo de flores  
 Contente brincava.

E o corpo tenrinho  
 Depois enfadado ,  
 Incanto reclina  
 Na relva do prado.

Marilia formosa ,  
Que ao Deos conhecia ,  
Occulta espreitava  
Quanto elle fazia.

Mal julga que dorme  
Se chega contente ,  
As armas lhe furta ,  
E o Deos a não sente.

Os Faunos mal virão  
As armas roubadas ,  
Sahirão das grutas  
Soltando rizadas.

Acorda Cupido ,  
E a causa sabendo ,  
A quantos o insultão  
Responde dizendo :

*Temeis as settas  
 Nas minhas mãos cruas?  
 Vereis o que podem  
 Agora nas suas.*



L Y R A XXIX.

**O** TYRANO Amor risonho  
 Me apparece, e me convida  
 Para que seu jugo acceite;  
 E quer, que eu passe em deleite  
 O resto da triste vida.

*O sonoro Anacreonte  
 (Astuto o moço dizia)  
 Já perio da morte estava,  
 Inda de amores cantava;  
 Por isso alegre vivia.*

*Aos negros, duros pezares  
Não resiste hum peito fraco,  
Se Amor o não fortalece:  
O mesmo Jove carece  
De Cupido, e mais de Baccho.*

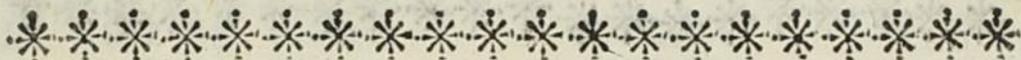
*Eu lhe respondo: Perjuro,  
Nada creio do que dizes!  
Porque já te fui sujeito,  
Inda conservo no peito  
Estas frescas cicatrizes.*

*Amor, vendo que da offerta  
Algum apreço faço,  
Me diz affeito, que trate  
De ir com elle a combate  
Peito a peito, braço a braço.*

Vou buscar as minhas armas:  
Cinjo primeiro que tudo  
O brilhante arnêz, e á pressa  
Ponho hum elmo na cabeça,  
Tomo a lança, e o grosso escudo.

Mal no Campo me apresento  
Marilia (ó Ceos!) me apparece:  
Logo que os olhos me fita,  
O meu coração palpita,  
A minha mão desfallece.

Então me diz o tyranno:  
*Confessa louco o teu erro;*  
*Contra as armas da belleza,*  
*Não vale a externa defeza*  
*Dessa armadura de ferro.*



## L Y R A XXX.

**J**UNTO a huma clara fonte  
 A mãe de Amor se sentou:  
 Encostou na mão o rosto,  
 No leve somno pegou.

Cupido, que a vio de longe,  
 Contente ao lugar corrêo,  
 Cuidando que era Marilia  
 Na face hum beijo lhe dêo.

Acorda Venus irada:  
 Amor a conhece: e então  
 Da ouzadia, que teve,  
 Assim lhe pede o perdão:

*Foi facil, ó mãe formosa,  
 Foi facil, o engano meu;  
 Que o semblante de Marilia  
 de todo o semblante teu.*



## L Y R A XXXI:

**M**INHA Marilia,  
Se tens belleza,  
Da Natureza  
He hum favor.  
Mas se aos vindouros  
Teu nome passa,  
He só por graça  
Do Deos de amor,  
Que terno inflamma  
A mente, o peito  
Do teu pastor.

Em vão se virão  
Perolas mimosas,  
Jasmins, e rosas  
No rosto teu.  
Em vão terias  
Essas estrellas,  
E as tranças bellas  
Que o Ceo te dêo;  
Se em doce verso  
Não as cantasse  
O bom Dirceo.

O voráz tempo  
Ligeiro corre :  
Com elle morre  
A perfeição.  
Essa que o Egypto  
Sábia modera ,  
De Marco impera  
No coração ;  
Mas já Octavio  
Não sente a força  
Do seu grilhaõ.

Ah! vem, ó bella,  
 E o teu querido,  
 Ao Deos Cupido  
 Louvores dar!  
 Pois faz que todos  
 Com igual sorte  
 Do tempo, e morte  
 Possão zombar;  
 Tu por formosa,  
 E elle, Marilia,  
 Por te cantar.

Mas si! Marilia  
 Que de hum amante  
 Por mais que canta  
 Gloria não vem!  
 Amor se pinta  
 Meinho, e ego:  
 No doce emprego  
 De chato deir  
 Não vê defello:  
 E argumenta, duellas  
 Bellas tem.

Mas ai! Marilia,  
Que de hum amante,  
Por mais que caute,  
Gloria não vem!  
Amor se pinta  
Menino, e cégo:  
No doce emprego  
Do charo bem  
Não vê defeitos,  
E augmenta, quantas  
Bellezas tem.

Ah! vem, ó bella,  
E o teu querido,  
Ao Deus Cupido  
Louvares dar!  
Pois faz que todos  
Com igual sorte  
Do tempo, e morte  
Possão zombar;  
Te por formosa,  
E elle, Marilia,  
Por te cantar.

Nenhum dos Vates ,  
Em teu conceito ,  
Nutrio no peito  
Nescia paixão ?  
Todas aquellas ,  
Que vês cantadas ,  
Forão dotadas.  
De perfeição ?  
Forão queridas ;  
Porém formosas  
Talvez que não.

Porém que importa  
Não valha nada  
Seres cantada  
Do teu Dirceo?  
Tu tens, Marilia,  
Cantor celeste;  
O meu Glauceste  
A voz ergueo;  
Irá teu nome  
Aos fins da Terra,  
E ao mesmo Ceo.

Quando uas azas  
Do leve vento  
Ao Firmamento  
Teu nome for:  
Mostrando Jove  
Graça extremoza,  
Mudando a Espozã  
De inveja a cor;  
De todos ha-de,  
Voltando o rosto,  
Sorri-se Amor.

Ah!

Ah ! não se manche  
Teu brando peito  
Do vil defeito  
Da ingratição :  
Os versos beija ,  
Gentil Pastora ,  
A penna adora ,  
Respeita a mão ,  
A mão discreta ,  
Que te segura  
A duração.



## L Y R A XXXII.

**N**UMA noite socegado  
Velhos papeis revolvía,  
É por ver de que tratavão  
Hum por hum a todos lia.

Erão copias emendadas  
De quantos versos melhores,  
Eu compuz na terna idade  
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas  
Contra a ventura formadas,  
Leio excessos mal acceitos,  
Doces promessas quebradas.

Vendo semrazões tamanhas  
Eu exclamo transportado:  
*Que finezas tão mal feitas!*  
*Que tempo tão mal passado!*

Junto pois n' hum grande monte  
Os soltos papeis , e logo ,  
Porque reliquias não fiquem ,  
Os intento pôr no fogo.

Então vejo , que o Deos cégo ,  
Com semblante carregado ,  
Assim me falla , e crimina  
O meu intenro acertado.

*Queres queimar esses versos ?  
Dize , Pastor atrevido ,  
Essas Lyras não te forão  
Inspiradas por Cupida ?*

*Achas , que de taes amores  
Não deve existir memoria ?  
Sepultando esses triunfos ,  
Não roubas a minha gloria ?*

Disse Amor; e mal se calla,  
Nos seus hombros a mão pondo,  
Com hum semblante sereno,  
Assim á queixa respondo:

*Depois, Amor, de me dares  
A minha Marilia bella,  
Devo guardar humas Lyras,  
Que não são em honra della?*

*E que importa, Amor, que importa  
Que a estes papeis destrua;  
Se he tua esta mão, que os rasga,  
Se a chamma, que os queima, he tua?*

Apenas Amor me escuta,  
Manda que os lance nas brazas;  
E ergue a chamma c'o vento,  
Que formou batendo as azas.



## L Y R A XXXIII.

**P**EGA na lyra sonora,  
 Pega, meu caro Glauceste;  
 E ferindo as cordas de ouro,  
 Mostra aos rusticos Pastores  
 A formosura celeste  
 De Marilia, meus amores.

Ah, pinta, pinta  
 A minha bella!  
 E em nada a copia  
 Se affaste della.

Que concurso, meu Glauceste!  
 Que concurso tão ditozo!  
 Tu hes digno de cantares  
 O seu semblaute divino;  
 E o teu canto sonorozo  
 Tambem do seu rosto he dino.

Ah,

Ah , pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a copia  
Se affaste della.

Para pintares ao vivo  
As suas faces mimosas ,  
A discreta Natureza ,  
Que providencia não teve !  
Criou no jardim as rosas ,  
Fez o lyrio , e fez a neve.

Ah , pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a copia  
Se affaste della.

A pintar as negras tranças  
Peço que mais te desvelles :  
Piata chusmas de amorinhos  
Pelos seus fios trepando ,  
Huns tecendo cordas delles ,  
Outros com elles brincando.

Ah , pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a copia  
Se affaste della.

Para pintares , Glauceste .  
Os seus beijos graciosos ,  
Entre as flores tens o cravo ,  
Entre as pedras a granada ,  
E para os olhos formosos  
A Estrella da madrugada.

Ah , pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a copia  
Se affaste della.

Mal retratares do rosto  
Quanto julgares precizo  
Não dês a copia por feita ;  
Passa a outros dotes , passa ,  
Pinta da vista , e do rizo  
A modestia , mais a graça.

Ah ,

Ah , pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a copia  
Se affaste della.

Pinta o garbo de seu rosto  
Com expressões delicadas ;  
Aos seus pés , quando passeão ,  
Pizando ternos amores ;  
E as mesmas plantas calcadas  
Brotando viçozas flores.

Ah , pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a copia  
Se affaste della.

Pinta mais , prezado amigo ,  
Hum terno amante beijando  
Suas doiradas cadeias ;  
E em doce pranto desfeito ,  
Ao monte , e valle ensinando  
O nome , que tem no peito.

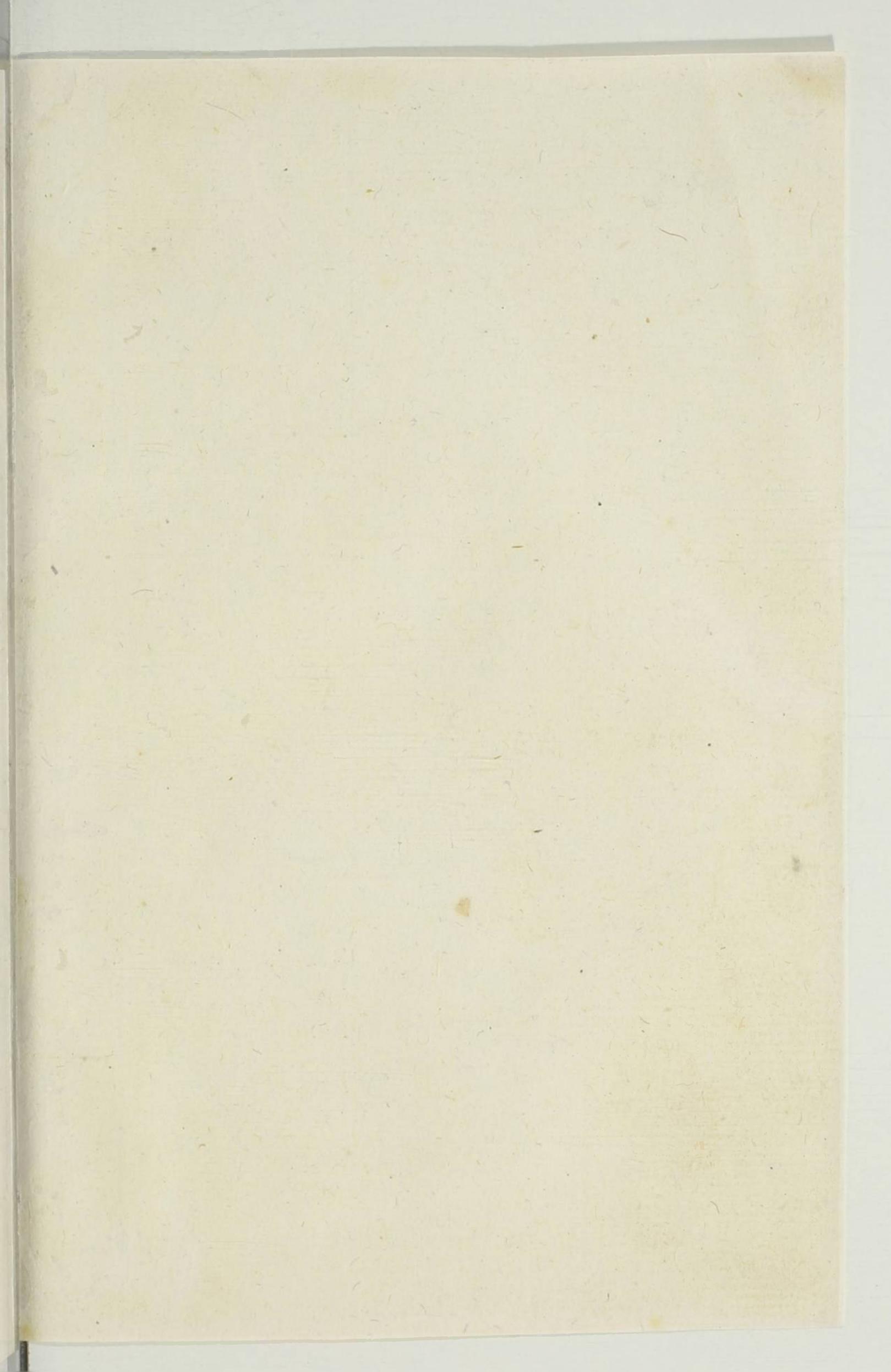
Ah ,

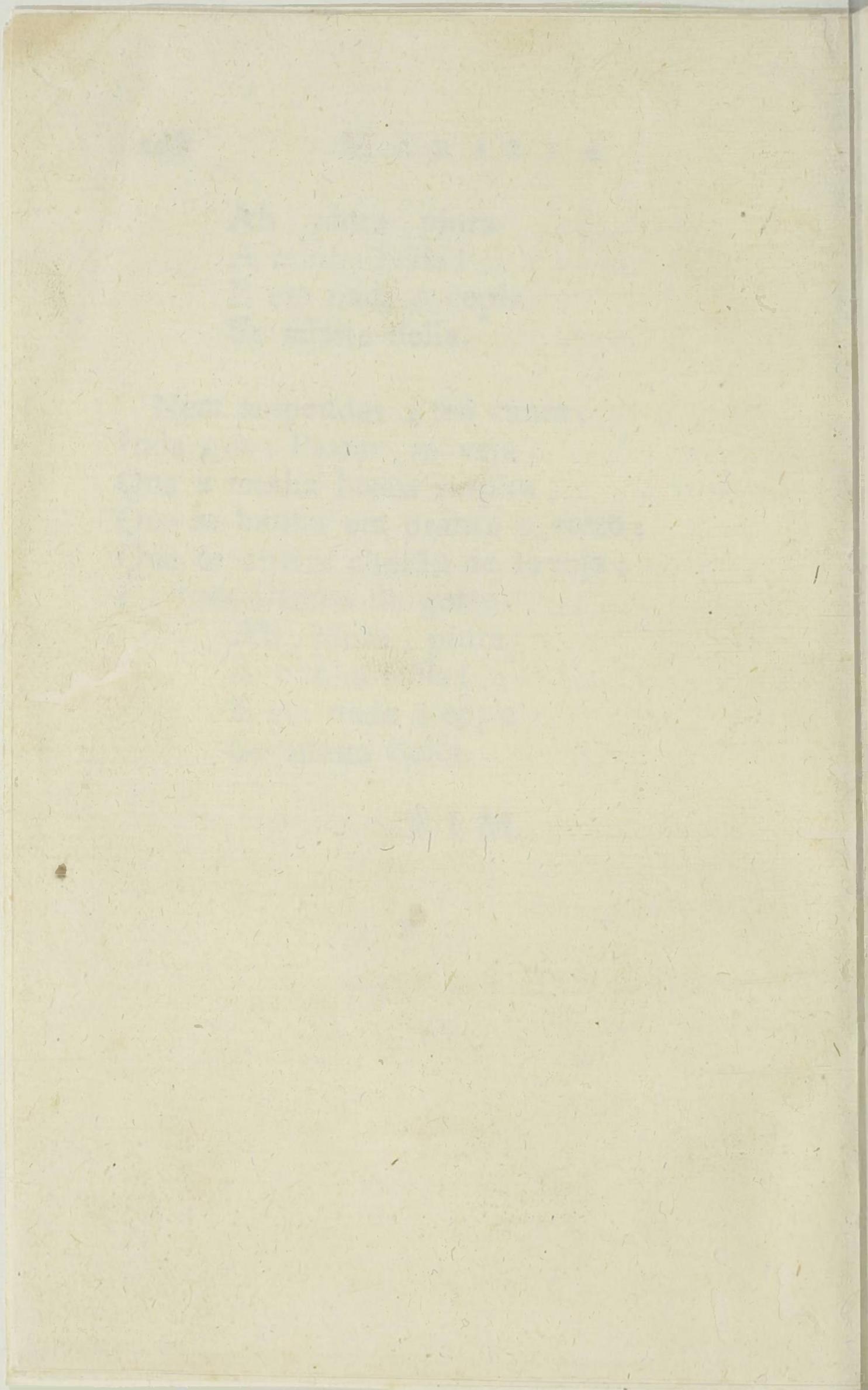
Ah , pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a copia  
Se affaste della.

Nem suspendas o teu canto ,  
Inda que ; Pastor , se veja  
Que a minha bocca suspira ,  
Que se banha em pranto o rosto ;  
Que os outros chorão de inveja ;  
E chora Dirceo de gosto.

Ah , pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a copia  
Se affasta della.

F I M.





MARILIA  
DE  
DIRCEO.

POR T. A. G.

SEGUNDA PARTE.

*Nova edição.*

*Almytha Teporincen &*

*C.B. 28 Maio 1810*

RIO DE JANEIRO.  
NA IMPRESSÃO REGIA.

*Com Licença de S. A. R.*

1810.

MARILIA

D E

DIRECTO

FOR T. A. G.

SEGUNDA PARTE

Non edita

RIO DE JANEIRO

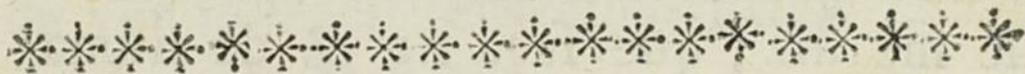
NA IMPRESSÃO REGIA

Com Licença de S. A. R.

1810

---

M A R I L I A  
D E  
D I R C E O.



L Y R A I.

**J**A' não cinjo de loiro a minha testa,  
Nem sonoras Canções o Deos inspira:  
Ah! que nem me resta  
Huma já quebrada,  
Mal scnora Lyra!

Mas neste mesmo estado em que me vejo,  
Pede, Marilia, Amor que vá cantar-te:  
Cumpro o seu desejo;  
E ao que resta supra  
A paixão, e a arte.

A fumaça, Marilia, da cadea,  
 Que a molhada parede ou çuja, ou pinta;  
 Bem que tosca, e fea,  
 Agora me póde  
 Ministrarr a tinta.

Os mais preparos o discurso apronta:  
 Elle me diz, que faça no pé de huma  
 Má laranja ponta,  
 E delle me sirva  
 Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não, não devo  
 Verás, Marilia, huma idéa nova:  
 Sim, eu já te escrevo,  
 Do que esta alma dita  
 Quanto amor approva.

*Favorate l'al-*  
*tissimo poeta!*

Quem vive no regaço da ventura,  
Nada obra em te adorar, que assombro faça:  
Mostra mais ternura  
Quem te estima, e morre  
Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa  
Ainda vendo estou teus olhos bellos,  
A testa formosa,  
Os dentes nevados,  
Os negros cabellos.

Vejo, Marilia, sim, e vejo ainda  
A chusma dos Cupidos, que pendentos  
Dessa bocca linda,  
Nos ares espalhão  
Suspiros ardentes.

Se alguém me perguntar onde eu te vejo ,  
Responderei = no peito = que huns Amores  
De casto desejo  
Aqui te pintarão ,  
E são bons Pintores.

Mal meus olhos te virão , ah ! nessa hora  
Teu retrato fizerão , e tão forte ,  
Que entendo , que agora  
Só póde apagallo  
O pulso da Morte.

Isto escrevia , quando , ó Ceos , que pejo !  
Descubro a lêr-me os versos o Deos loiro.  
Ah ! da-lhes hum beijo ,  
E diz-me que valem  
Mais que letras de oiro.



## L Y R A II.

**E** Sprema a vil calumnia muito embora  
Entre as mãos denegridas , e insolentes  
Os venenos das plantas ,  
E das bravas serpentes.

Chovão raios e raios , no meu rosto  
Não has-de ver , Marilia , o medo escrito :  
O medo perturbado ,  
Que infunde o vil delicto.

Pódem muito conheço , pódem muito ,  
As Furias infernaes , que Pluto move ;  
Mas póde mais que todas  
Hum dedo só de Jove.

Este Deos converteo em flor mimosa ,  
A quem seu nome derão , a Narciso ,  
Fez de muitos os Astros ,  
Qu' inda no Ceo diviso.

Elle pôde livrar-me das injurias  
Do nescio , do atrevido ingrato povo ;  
Em nova flor mudar-me ,  
Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Ceos por fins occultos  
Em tão tyranno mal me não soccorrem ,  
Verás então , que os sabios ,  
Bem como vivem , morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo.  
Tu , formosa Marilia , bem o sabes :  
Hum coração , e basta ,  
Onde tu mesma cabes.



## L Y R A III.

**S**uccede, Marilia bella,  
A' medonha noite o dia:  
A estação chuvosa e fria,  
A' quente secca estação.

Muda-se a sorte dos tempos;  
Só a minha sorte não?

Os troncos, nas Primaveras,  
Brotão em flores viçosos;  
Nos Invernos escrabrosos  
Largão as folhas no chão.

Muda-se a sorte dos troncos;  
Só a minha sorte não?

Aos

Aos brutos , Marilia , cortão  
Armadas redes os passos ;  
Rompem depois os seus laços ,  
Fogem da dura prisão.

Muda-se a sorte dos brutos ,  
Só a minha sorte não ?

Nenhum dos homens conserva  
Alegre sempre o seu rosto ;  
Depois das penas vem gosto ,  
Depois do gosto afflicção.

Muda-se a sorte dos homens ,  
Só a minha sorte não ?

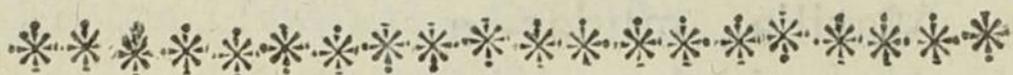
Aos altos Deoses movêrão  
Soberbos Gigantes guerra ;  
No mais tempo , o Ceo , e a Terra  
Lhes tributa adoração.

Muda-se a sorte dos Deoses ;  
Só a minha sorte não ?

Hade, Marilia, mudar-se  
Do destino a inclemencia:  
Tenho por mim a innocencia,  
Tenho por mim a razão.  
Muda-se a sorte de tudo;  
Só a minha sorte não?

O tempo, ó bella, que gasta  
Os troncos, pedras, e o cobre,  
O véo rompe, com que encobre  
A' verdade a vil traição.  
Muda-se a sorte de tudo;  
Só a minha sorte não?

Qual eu sou verá o mundo,  
Mais me dará-do que eu tinha,  
Tornarei a ver-te minha.  
Que feliz consolação!  
Não hade tudo mudar-se,  
Só a minha sorte não.



## L Y R A IV.

**J**A', já me vai, Marília, branquejando  
Loiro cabelo, que circúla a testa,  
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,  
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,  
E vão-se sobre os ossos enrugando,  
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;  
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergão;  
As forças dos meus membros já se gastão,  
Vou a dar pela casa huns curtos passos;  
Pesão-me os pés, e arrastão.

Se algum dia me vires desta sorte,  
Vê que assim me não pôs a mão dos annos:  
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,  
Fazem os meus damnos,

Mal te vir, me dará em poucos dias,  
A minha mocidade o doce gosto;  
Veras burnir-se a pelle, o corpo encher-se,  
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso Verão as plantas seccão,  
Na Primavera, que aos mortaes encanta,  
Apenas cahe do Ceo o fresco orvalho,  
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;  
Mas logo que a doença fez seu termo,  
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes,  
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente , ou qual a planta ,  
 No meio da desgraça , que me altera :  
 Eu tambem te supponho qual saude ,  
 Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos , vivos olhos  
 Aos mesmos Astros luz , e vida ás flores ;  
 Que effeitos não farão , em quem por elles  
 Sempre morreo de amores ?



L Y R A V.

**O**S mares , minha bella , não se movem ;  
 O brando Norte assopra , nem diviso  
 Huma nuvem sequer na Esfera toda ,  
 O destro Nauta aqui não he preciso ;  
 Eu só conduzo a náó , eu só modéro  
 Do seu governo a roda.

Mas

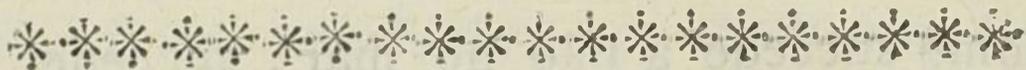
Mas ah! que o Sul carrega, o mar se empolla,  
Rasga-se a véla, o mastaréo se parte!  
Qualquer varão prudente aqui já teme  
Não tenho a necessaria força, e arte.  
Corra o sabio Piloto, corra, e venha  
Reger o duro leme.

Como succede á nãoo no mar, succede  
Aos homens na ventura, e na desgraça:  
Basta ao feliz nãoo ter total demencia,  
Mas quem de venturoso a triste passa,  
Deve entregar o leme do discurso  
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o Ceo se cubrio, os raios chovem;  
E esta alma, em tanta pena consternada,  
Nem sabe aonde possa achar conforto.  
Ah, nãoo, tardes, veni, Marilia amada,  
Toma o leme da nãoo, marêa o panno,  
Vai-a salvar no porto.

Mas

Mas ouço já de Amor as sabias vozes!  
 Elle me diz que soffra, senão morro;  
 E perco então se morro huns doces laços.  
 Não quero já, Marilia, mais soccorro,  
 Oh ditoso soffrer, que lucrar póde,  
 A gloria dos teus braços.



## L Y R A VI.

**D**E que te queixas,  
 Lingoa importuna?  
 De que a Fortuna  
 Roubar-te queira,  
 O que te deu?  
 Este foi sempre  
 O genio seu.

Levou, Marilia,  
 A impia sorte  
 Catoens á morte;  
 Nem sepultura  
 Lhes concedeu.  
 Este foi sempre  
 O genio seu

A outros muitos,  
 Que vis nascêrão,  
 Nem merecêrão,  
 A grandes thronos  
 A impia ergueu.  
 Este foi sempre  
 O genio seu.

Esparha a terra  
 Sob os humanos  
 Os bens, e os danos;  
 E a quem se devesse  
 Nunca escolher  
 Este foi sempre  
 O genio seu.

A quanto he justo,  
 Já mais se dobra;  
 Nem ignel obra  
 C'os mesmos Deuses  
 Do claro Ceo.  
 Este foi sempre  
 O genio seu.

Espalha a cega  
Sobre os humanos  
Os bens , e os damnos ;  
E a quem se devão  
Nunca escolheu.  
Este foi sempre  
O genio seu.

A quanto he justo ,  
Já mais se dobra ;  
Nem igual obra  
C'os mesmos Deoses  
Do cláro Ceo.  
Este foi sempre  
O genio seu.

Sóbe ao Ceo Venus  
N'hum carro ufano;  
E cahe Vulcano  
Da pura esfera,  
Em que nasceu.  
Este foi sempre  
O genio seu.

Mas não me rouba,  
Bem que se mude,  
Honra, e virtude:  
Que o mais he della,  
Mas isto he meu.  
Este foi sempre  
O genio seu,



## L Y R A VII.

**M**EU prezado Glauceste,  
 Se fazes o conceito,  
 Que bem que réo abrigo  
 A candida Virtude no meu peito.  
 Se julgas, digo, que mereço ainda  
 Da tua mão soccorro;  
 Ah! vem dar-m'o agora,  
 Agora sim que morro.

Não quero que montado  
 No Pegaso feroso,  
 Venhas com dura lança  
 Ao monstro infame traspassar raivoso.  
 Não que viva a perfida calumnia,  
 E forge o meu tormento:  
 Com menos, meu Glauceste,  
 Com menos me contento.

Toma a lyra doirada ,  
E toca hum pouco nella :  
Levanta a vóz celeste  
Em parte que te escute a minha bella ;  
Enche todo o contorno de alegria ;  
Não soffras , que o desgosto  
Affogue em pranto amargo  
O seu divino rosto.

Eu sei , eu sei , Glauceste ,  
Que hum bom Cantor havia ,  
Que os brutos amansava ;  
Que os troncos , e os penedos attrahia.  
De outro destro Cantor tambem affirma  
A sábia Antiguidade ,  
Que as muralhas erguera  
De huma grande Cidade.

Orfeo as cordas fere;  
O som delgado, e terno  
Ao Rei Plutão abranda,  
E o deixa que penetre o fundo Averno.  
Ah, tu a nenhum cedas, meu Glauceste,  
Na lyra, e mais no canto:  
Podes fazer prodigios;  
Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes:  
Que mais, que mais esperas?  
Consola hum peito afflito;  
Que he menos inda, que domar as fêras.  
Com isto me darás no meu tormento  
Hum doce lenitivo,  
Que em quanto a bella vive,  
Tambem, Glauceste, vivo.



## L Y R A XVI.

**E**U vejo , ó minha bella , aquelle Numen ;  
A quem o nome derão de Fortuna ;  
Pega-me pelo braço ,  
E com voz importuna  
Me diz que mova o passo ;  
Que entre no grande Templo , em que se encerra  
Quanto o destino manda ,  
Que ella obre sobre a terra.

Que coizas portentosas nelle encontro !  
Eu vejo a pobre fundação de Roma ,  
Vejo-a queimar Carthago ;  
Vejo que as gentes doma ;  
E vejo o seu estrago.  
Lá florece o poder do Assyrio Povo :  
Aqui os Medos crescem  
E os perde hum braço noyo.

En-

Então me diz a Deosa: *E que pertendes?*  
*Todas estas Medalhas vêr agora?*

*Ah! não, não sejas louco!*

*Espaço de annos fôra*

*Para isso ainda pouco.*

*Deixa estranhos successos; vem comigo,*

*Verás quanto inda deve*

*Acontecer contigo.*

*Levou-me a onde estava a minha historia,*  
*Que toda me explicou com medo, e arte.*

*Tirei-te libras de oiro,*

*Me diz, e quero dar-te*

*Todo a quelle thesoiro.*

*Não suspira por bens hum peito nobre;*

*Sevéro lhe respondo.*

*Vivo affeito a ser pobre.*

Aqui me enruga a Deosa irada a testa ,  
E fica sem fallar hum breve espaço .

*Alegra , alegre o rosto ,  
Prosegue , ali te faço  
Restituir o posto .*

Respondo com ar de mofa , e tom sereno  
*Conheço-te , Fortuna ,  
Posso morrer pequeno .*

*Aqui te dou , me diz , a tua amada .*

Então me banho todo de alegria

*Cuidei , me torna a cega ,  
Que essa alma não queria  
Nem esta mesma entrega .*

He esse o bem , respondo , que me move ;

*Mas este bem he santo ,  
Vem só da mão de Jove .*

Queria mais fallar ; eu insofrido  
 Desta maneira rompo os seus accentos :  
*Basta , Fortuna , basta ;*  
*Estes breves momentos*  
*Lá noutras coizas gasta ;*  
*Da minha sorte nada mais contemplo.*  
 E chamando Marilia  
 Suspiro , e deixo o Templo.



## L Y R A IX.

**A** Estas horas  
 Eu procurava  
 Os meus Amores ;  
 Tiuhão-me inveja  
 Os mais Pastores.

A porta abria ,  
 Inda esfregando  
 Os olhos bellos ,  
 Sem flor , nem fita  
 Nos seus cabellos :

Ah ! que assim mesmo  
 Sem compostura ,  
 He mais formosa ,  
 Que a estrella d' alva ,  
 Que a fresca rosa .

Mal eu a via ,  
 Hum ar mais leve ,  
 ( Que doce effeito ! )  
 Já respirava  
 Meu terno peito .

Do cerco apenas  
Soltava o gado,  
Eu lhe amimava  
Aquella ovelha  
Que mais amava.

Dava-lhe sempre  
No rio, e fonte,  
No prado, e selva,  
Agoa mais clara,  
Mais branda relva:

No cóllo a punha,  
Então brincando  
A mim a unia;  
Mil coizas ternas  
Aqui dizia.

Marilia vendo  
 Que eu só com ella  
 He que fallava;  
 Ria-se a furto,  
 E disfarçava.

Desta maneira  
 Nos castos peitos,  
 De dia, em dia  
 A nossa chamma  
 Mais se accendia.

Ah! quantas vezes  
 No chão sentado,  
 Eu lhe lavrava  
 As finas rócas,  
 Em que fiava?

Da mesma sorte  
 Que á sua amada ,  
 Que está no ninho ,  
 Fronteiro canta  
 O passarinho.

Na quente sésta ,  
 Della defronte ,  
 Eu me entretinha  
 Movendo o ferro  
 Da sanfoninha.

Ella por dar-me  
 De ouvir o gosto ,  
 Mais se chegava :  
 Então vaidoso  
 Assim cantava.

Não ha Pastora ,  
 Que chegar possa  
 A' minha bella;  
 Nem quem me iguale  
 Tambem na estrella:

Se Amor concede  
 Que eu me recline  
 No branco peito ,  
 Eu não invejo  
 De Jove o leito:

Ornãõ seu peito  
 As sãs virtudes ,  
 Que nos namorãõ ;  
 No seu semblante  
 As Graças morãõ.

Assim vivia:  
 Hoje em suspiros  
 O canto mudo:  
 Assim, Marília,  
 Se acaba tudo.



L Y R A X.

**A**RDE o velho barril, arde a cabeça,  
 Em honra de João na larga rua;  
 O credulo Mortal agora indaga,  
 Qual seja a sorte sua?

Eu não tenho alcaxofra, que á luz chegue  
 E nella orvalhe o Ceo de madrugada,  
 Para ver se rebentão novas folhas,  
 Aonde foi queimada.

Tambem não tenho hum ovo, que despeje  
Dentro de hum cópo d'agua, e possa nella  
Fingir Palacios grandes, altas Torres,  
E huma Não á véla.

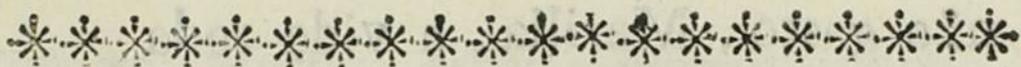
Mas, ah! em bem me lembre: eu tenho ouvido  
Que na boca hum bochecho d'agoa tome,  
E atráz de qualquer porta attento esteja,  
Até ouvir hum nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, he esse  
O nome, que ha de ter a minha amada:  
Pode verdade ser, se fôr mentira,  
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar, e de repente  
Ouvi dizer o nome de Filena:  
Despejo logo a boca: ah! não sei como  
Não morro alli de pena!

Apparece Cupido: então soltando  
Em ar de zombaria huma risada.  
E que tal, me pergunta, esteve a peça?  
Não foi bem pregada?

Eu já te disse, que Marilia he tua:  
Tu fazes do meu dito tanta conta,  
Que vas acreditar, o que te ensina  
Velha mulher já tonta.  
Humilde lhe respondo: quem debaixo  
Do açoitado da Fortuna afflito geme,  
Nas mesmas coisas, que só são briquedos,  
Se agoirão males, teme.



## L Y R A X I.

**S**E acaso não estou no fundo Averno  
Padece , ó minha bella , sim padece  
O peito amante , e terno ,  
As affeições tyrannas , que aos Precitos  
Arbêtra Rhadamantho em justa pena  
Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes , rangendo os dentes  
Com a mão descarnada não me applicão  
As raivosas serpentes.

Mas cercão-me outros monstros mais irados :  
Mordem-me sem cessar as bravas serpes  
De mil , e mil cuidados.

Eu não gasto , Marilia , a vida toda  
Em lançar o penedo da montanha ;  
    Ou em mover a roda.  
Mas tenho ainda mais cruel tormento :  
Por coisas que me affligem , roda , e gyra  
    Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado  
A's tepidas entranhas não me come  
    Hum abutre esfaimado.  
Mas sinto de outro monstro a crueldade ;  
Devora o coração , que mal palpita ,  
    O abutre da saudade.

Não vejo os pomos , nem as aguas vejo ,  
Que de mim se retirão , quando busco  
    Fartar o meu desejo ;  
Mas quer , Marilia , o meu destino ingrato ,  
Que lograr-te não possa , estando vendo  
    Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno, eston, Marília bella;  
E n' huma coisa só he mais humana

A minha dura estrella:

Huns não podem mover do Inferno os passos;  
Eu pertendo vôar, e vôar cedo

A' gloria dos teus braços.



## L Y R A XII.

**A**n, Marilia, que tormento  
Não tens de sentir saudosa!  
Não podem ver os teus olhos  
A campina deleitosa,  
Nem a tua mesma Aldea,  
Que tyrannos não proponhão  
A' inda inquieta idéa  
Huma imagem de afflicção.  
Mandarás aos surdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

Quando levares , Marilia ,  
Teu ledo rebanho ao prado  
Tu dirás: aqui trazia  
Dirceo tambem o seu gado.  
Verás os sitios ditosos  
Onde , Marilia , te dava  
Doces beijos amorosos  
Nos dedos da branca mão.  
Mandarás aos surdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires  
Sem querereres , descuidada  
Tu verás , Marilia , a minha  
A minha pobre morada.  
Tu dirás então comtigo:  
Alli Dirceo esperava  
Para me levar comsigo:  
E alli soffreo a prisão.  
Mandarás aos surdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente  
 Do caro Glauceste a choça,  
 Onde alegres se juntavão  
 Os poucos da escolha nossa,  
 Pondo os olhos na varanda  
 Tu dirás, de mágoa chea:  
 Todo o congresso alli anda,  
 Só o meu Amado não.

Mandarás aos surdos Deoses  
 Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua  
 O meu companheiro honrado,  
 Sem que me vejas com elle  
 Caminhar emparelhado,  
 Tu dirás: não foi tyranna  
 Sómente comigo a sorte;  
 Tambem cortou deshumana  
 A mais fiel união.

Mandarás aos surdos Deoses  
 Novos suspiros em vão.

N'uma masmorra mettido  
Eu não vejo imagens destas,  
Imagens, que são por certo  
A quem adora funestas.  
Mas se existem separadas  
Dos inchados rôxos olhos,  
Estão, que he mais, retratadas  
No fundo do coração.

Tambem mando aos surdos Deoses  
Tristes suspiros em vão.



## L Y R A XIII.

VES, Marilia, hum cordeiro  
De flores enramado,  
Como alegre caminha  
A ser sacrificado?

O Povo para o Templo já concorre:  
A Pyra sacro-santa já se accende:  
O Ministro o fere, elle bala, e morre.

Ves agora o novillo,  
A quem segura o laço:  
No chão as mãos especia:  
Nem quer mover hum passo:  
Não conhece que sahe de hum mão terreno:  
Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,  
O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto , como  
Lhe dispomos a sorte :  
Hum vai ferçado á vida ,  
Vai outro alegre á morte ,  
Nós temos , minha bella , igual demencia :  
Não sabemos os fins , com que nos move  
A sábia , occulta Mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho  
Os máos matar quizerão :  
De conselho mudárão ,  
Como escravo o venderão :  
José não corre a ser hum servo afflito ;  
Vai subindo os degrãos , por onde chega  
A ser hum quasi Rei no grande Egypto.

Quem sabe se o Destino  
 Hoje, ó bella, me prende,  
 Só porque nisto de outros  
 Mais damnos me defende?  
 Póde inda raiar hum claro dia.  
 Mas quer raie, quer não, ao Ceo adoro;  
 E beijo a santa mão, que assim me guia.



L Y R A XIV.

**A** lma digna de mil Avós Augustos!  
 Tu sentes, tu soluças  
 Ao ver cahir os justos;  
 Honras as santas leis da Humanidade:  
 E aos teus exemplos deve  
 Gravar com letras de oiro no seu Templo  
 A candida Amizade.

Não he , não he de Heróe huma alma forte ;  
Que vê com rosto enchuto  
No seu igual a morte.

Não he tambem de Heróe hum peito duro ,  
Que a sua gloria firma ,  
Em que lhe não resiste ao ferro , e fogo ,  
Nem legião , nem muro.

Oh ! quanto ousado Chefe me namora ,  
Quando vê a cabeça  
Do bom Pompeo , e chora !

He grande para mim , quem move os passos ,  
E de Dario aos filhos ,  
Que como escravos seus tratar podéra ,  
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas , Capitão piedoso ,  
Entre os Heróes do Mundo  
Hum nome glorioso ,  
Não he , porque levanta huma cidade ;  
He sim , porque nos hombros  
Salvou do incendio ao Pai a quem detinha  
A mão da branca idade.

Ah ! se ao meu contrario entre as chãmas vira ,  
Eu mssmo , sim , da morte  
Aos hombros o remira :  
Inda por elle muito mais obrára :  
E se nada servisse ,  
Fizera então , Amigo , o que fizeste ,  
Gemerá , e suspirara.

Oh ! quanto são duraveis as cadêas  
De huma amizade , quando  
Se dão iguaes idéas !

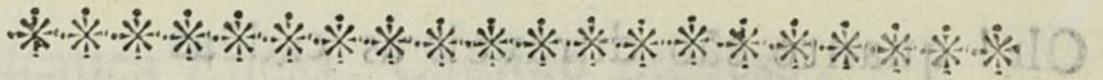
Se a pezar dos estorvos se sustinha  
Nossa união sincera ,

Foi por ser a minha alma igual á tua .  
E a tua igual á minha.

Se , ó caro Amigo , te merece tanto ,  
Lá lhe fica a sua alma ,  
Limpa-lhe o terno pranto.

De quem eu fallo , és tu , Marilia bella.

Ah ! sim , honrado Amigo ,  
Se enxugar não poderes os seus olhos ;  
Prantêa então com. ella.



## L Y R A XV,

**E**u, Marilia, não fui nenhum Vaqueiro;  
 Fui honrado Pastor da tua Aldêa;  
 Vestia finas lãns, e tinha sempre  
 A minha chóça do preciso chêa.  
 Tirarão-me o casal, e o manso gado,  
 Nem tenho a que me encoste hum só cãjado.  
 Para ter, que te dar, he que eu queria  
 De mór rebanho ainda ser o dono;  
 Prezava o teu semblante, os teus cabellos  
 Ainda muito mais que hum grande Throno.  
 Agora que te offerte já não vejo  
 Além de hum puro amor, de hum são desejo.

Se o rio levantado me causava  
Levando a sementeira prejuizo ,  
Eu alegre ficava apenas via  
Na tua breve boca hum ar de riso.  
Tudo agora perdi ; nem tenho o gosto  
De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço  
As quentes horas da comprida sésta ,  
Escrever teus louvores nos olmeiros ,  
Toucar-te de papoilas na floresta.  
Julgou o justo Ceo , que não convinha  
Que a tanto gráo subisse a gloria minha.

Ah , minha bella , se a Fortuna volta ,  
Se o bem que já perdi alcanço , e provo ;  
Por essas brancas mãos , por essas faces  
Te juro renascer hum homem novo ;  
Romper a nuvem que os meus olhos cerra ,  
Amar no Ceo a Jove , e ati na terra.

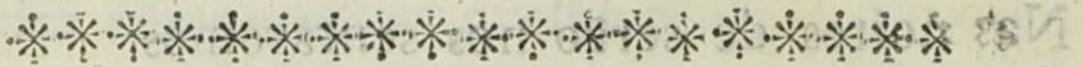
Fiadas comprarei as ovelhinhas,  
Que pagarei dos poucos do meu ganho;  
E dentro em pouco tempo nos veremos  
Senhores outra vez de hum bom rebanho.  
Para o contagio lhe não dar sobeja  
Que as affague Marília, ou só que as veja.

Se não tivermos lãs, e pelles finas,  
Podem mui bem cobrir as carnes nessas  
As pelles dos cordeiros mal cortidas,  
E os pannos feitos com as lãs mais gróssas.  
Mas ao menos será o teu vestido  
Por mãos de Amor, por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente sésta  
Com canas, e com cêstos os pexinhos:  
Nós iremos caçar nas manhãs frias  
Com a vara envisgada os passarinhos.  
Para nos divertir faremos quanto  
Reputa o varão sabio, honesto, e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos \* \* \*  
C' os filhos se os tivermos á fogueira ;  
Entre as falsas historias , que contares ,  
Lhes contarás a minha verdadeira :  
Pasmados te ouvirão ; eu entre tanto  
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua  
Nos mostrarão c' o dedo os mais Pastores ,  
Dizendo huns para os outros : olha os nossos  
Exemplos da desgraça , e saõs amores.  
Contentes viviremos desta sorte ,  
Até que chegue a hum dos dois a morte.



## L Y R A XVI.

**V** Ejo, Marilia,

Que o nédio gado

Anda disperso

No monte, e prado;

Que assim succeda

Ao desgraçado,

Que a perder chega

O seu Pastor.

Mas inda soffro

A viva dôr.

Tambem conheço,  
 Que os Pegureiros,  
 Que apascentavão  
 Os meus cordeiros,  
 Derão suspiros  
 E verdadeiros;  
 Porque perdêrão  
 Hum pai no amor.  
 Mas inda soffro  
 A viva , dôr.

Eu mais alcanço ,  
 Que a minha herdade ,  
 Estando eu prezo ,  
 Soffrer não ha-de  
 Nem a charrua ,  
 E nem a grade ;  
 Que a mão lhe falta  
 Do Lavrador.  
 Mas inda soffro  
 A viva dôr.

Mas

Mas quando sobe  
 A' minha idéa,  
 Que tu ficaste  
 Lá nessa Aldêa.  
 De mil cuidados  
 E mágoa cheia;  
 Das paixões minhas  
 Não sou senhor.  
 Eu já não soffro  
 A viva dôr.

A quanto chega  
 A pena forte!  
 Peza-me a vida,  
 Desejo a morte,  
 A Jove accuso,  
 Maldigo a sorte,  
 Trato a Cupido  
 Por hum traidor.  
 Eu ja não soffro  
 A viva dôr.

Mas este excesso  
Perdão merece,  
E a elle Jove  
Se compadece;  
Que Jove, ó bella,  
Mui bem conhece,  
Aonde chega  
Paixão de amor.  
Eu já não soffro  
A viva dôr.

## L Y R A XVII.

**D**irceo te deixa , ó bella ,  
De padecer cançado ;  
Frio suor já banha  
Seu rosto descórado ;  
O sangue já não gyra pela vêa ,  
Seus pulsos já não batem ;  
E a clara luz dos olhos se bacêa :  
A lagrima sentida já lhe corre ;  
Já para a convulsão , suspira , e morre.

Seu espirito chega  
Onde se pune o erro:  
Late o cão , e se lhe abrem  
Grossos portões de ferro.  
Aos severos Juizes se appresenta ,  
E com sentidas vozes  
Toda a sua tragedia representa:  
Enche-se de ternura , e novo espanto  
O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre hum pasmado a boca ,  
E a pedra não despede ;  
Outro já não se lembra  
Da fome , e mais da sede:  
Descança o curvo bico , e a garra impia  
Negro abutre esfaimado :  
Nem a roca medonha a Parca fia ,  
Até as mesmas Furias inclementes  
Deixão cahir das unhas as serpentes.

Já votão os Juizes;  
E o Rei Plutão lhe ordena  
Deixe o sitio, em que ficão  
Almas dignas de pena.  
Já sahe do escuro Reino, e da memoria  
Lhe passa tudo quanto  
Ou póde dar-lhe mágoa, ou dar-lhe gloria.  
Só, bem que o gosto ás turva, agoas tome,  
Inda, Marilia, inda diz teu nome.

Entra já nos Elyfios  
Campinas venturosas,  
Que mansos rios cortão,  
Que cobrem sempre as rosas.  
Escuta o canto das sonoras aves,  
E bebe as agoas puras,  
Que o mel, e de que o leite mais suaves.  
Aqui, diz elle, espero a minha bella,  
Aqui contente viverei com ella.

Aqui

Aqui... porém aonde  
Me leva a dôr activa?  
He illusão desta alma.  
Jove inda quer que eu viva.  
Eu devo sim gosar teus doces laços;  
E em paga dos meus males  
Devo morrer, Marilia, nos teus braços.  
Então eu passarei ao Reino amigo;  
E tu irás despois la ter comigo.



## L Y R A XVIII.

**N**ão mólho, Marilia  
De pranto a masmorra  
Que o terno Cupido  
Nao võe, e não corra,  
A hilo apanhar.  
Estende o nas azas  
Sobie elle suspira,  
Por fim se retira,  
E vai to levar.

Se o moço não mente ,  
 Os tristes gemidos ,  
 Aos ais lastimosos  
 Não guardes unidos ,  
 Marília , c' os teus :  
 As lagrimas nossas  
 No seio amontôa  
 Fôrma azas , e vôa ,  
 Vai pô-las nos Ceos.

A Deosa formosa ,  
 Que amava aos Troianos ,  
 Livra-los querendo  
 De riscos , e damnos  
 A Jove buscou.  
 As aguas , que o rosto  
 Da Deosa banharão  
 A Jove abrandarão ,  
 E assim os salvou.

Confia-te , ó bella ,  
 Confia-te em Jove ;  
 Ainda se abranda ,  
 Ainda se move  
 Com ancias de amor.  
 O pranto de Venus ,  
 Que obrou no Pai tanto ,  
 Não tem que o teu pranto  
 Apreço maior.



## L Y R A XIX.

**N**esta triste masmorra,  
De hum semivivo corpo sepultura,  
Inda, Marilia, adoro  
A tua formosura.

Amor na minha idéa te retrata,  
Busca extremoso, que eu assim resista  
A' dôr immensa, que me cerca, e mata.

Quando em meu mal pondero,  
Então mais vivamente te diviso:  
Vejo o teu rosto, e escuto  
A tua voz, e riso.

Movo ligeiro para o vulto os passos:  
Eu beijo a tibia luz em vez de fac<sup>e</sup>;  
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a illusão minha ;  
A violencia da mágoa não supporto ;  
Foge-me a vista , é caio  
Não sei se vivo , ou morto.

Enternece-se Amor de estrago tanto :  
Reclina-me no peito , e com mão terna  
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Depois que represento  
Por largo espaço a imagem de hum defunto ,  
Movo os membros , suspiro ,  
E onde estou pergunto.

Conheço então que Amor me tem comsigo ,  
Ergo a cabeça , que inda mal sustento ,  
E com doente voz assim lhe diga.

Se queres ser piedoso ,  
Pinta o fitio em que Marilia móra ,  
Pinta-lhe o meu estrago ,  
E vê , Amor , se chora.  
Se a lagrimas verter a dôr a arrasta ,  
Huma dellas metraze sobre as penas ,  
E para allivio meu só isto basta.



## LYRA XX.

**S**E me visses com teus olhos  
Nesta masmorra mettido ;  
De mil ideas funestas ,  
E cuidados combatido :  
Qual seria , ó minha bella ,  
Qual seria o teu pezar ?

A' força da dôr cedêra ;  
É nem estaria vivo ,  
Se o menino Deos vendado ,  
Extremoso , e compassivo ,  
Com o nome de Marilia  
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d' alva ;  
O meio dia tem dado ,  
E o cabelo inda flutua.  
Pelas costas desgrenhado.  
Não tenho valor , não tenho ;  
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido : E Marilia ;  
Não estima esse cabelo ?  
Se o deixas perder de todo  
Não se lia de enfadar ao vêllo ?  
Suspiro , pego no pente ,  
Vou logo o cabelo atar.

Vem hum taboleiro entrando  
De varios manjares cheio,  
Põe-se na meza a toalha,  
E eu pensativo passeio:  
De todo o comer esfria,  
Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que matar-te,  
Diz Amor, te tens proposto;  
Fazes bem: terá Marilia  
Desgosto sobre desgosto.  
Qual enfermo c'o remedio  
Me affiijo, mas vou jantar.

Chegão as horas Marilia,  
Em que o Sol já se tem posto,  
Vem-me á memoria que nellas  
Via á janella o teu rosto:  
Reclino na mão a face,  
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: Já basta,  
Já basta, Dirceo, de pranto;  
Em obsequio de Marilia  
Vai erguer teu doce canto.  
Pendem as fontes dos olhos,  
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado accender-me  
A velha cuja candêa;  
Fica, Marilia, a masmorra  
Inda mais triste, e mais fêa.  
Nem mais canto, nem mais posso  
Huma só palavra dar.

Diz-me Cupido: São horas  
De escrever-se o que está feito;  
Do azeite, e da fumaça  
Huma nova tinta ageito,  
Tomo o páo, que penna finge,  
Vou as Lyras copiar.

Sem que chegue o leve sono  
Canta o Gallo a vez terceira;  
Eu digo ao Amor; que fico  
Sem deitar-me a noite inteira:  
Faço mimos, e promessas  
Para elle me acompanhar.

Elle diz que em dormir cuide,  
Que hei-de ver Marilia em sonho;  
Não respondo huma palavra,  
A dura cama componho,  
Apago a triste candêa,  
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados  
Rifistir, ó minha Bella,  
Quem não tem de Amor a graça?  
Se eu que vivo á sombra della  
Linda vivo desta sorte,  
Sempre triste a suspirar?



## L Y R A XXI.

**Q**ue diversas que são , Marilia , as horas  
 Que passo na masmorra immunda , e fêa ,  
 Dessas horas felizes , já passadas  
 Na tua patria Aldêa.

Então eu me ajuntava com Glauceste ;  
 E á sombra de alto Cédro na Campina  
 Eu versos te compunha , e elle os compunha  
 A' sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva ;  
 De exceder hum ao outro qualquer trata  
 O ecco agora diz : *Marilia terna ;*  
 E logo : *Eulina ingrata.*

Deixão os mesmos Sátyros as grutas:  
Hum para nós ligeiro move os passos;  
Ouve nos de mais perto, e faz a flauta  
C'os pés em mil pedaços.

Dirceo( clama hum pastor, ) ah! bem merece  
Da ternissima Marilia a formosura.  
E aonde, clama o outro, quer Eulina  
Achar maior ventura?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho,  
Em quanto em nós durava esta porfia.  
E ella, ó minha amada, só findava  
Depois de acabar-se o dia.

A' noite te escrevia na cabana  
Os versos, que de tarde havia feito;  
Mal tos dava, e os lias, os guardavas  
No casto, e branco peito.

Bejando os dedos dessa mão formosa,  
Banhados com as lagrimas do gosto,  
Jurava não cantar mais outras graças  
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento.  
Eu agora, Marília, não as canto;  
Mas inda vale mais que os doces versos  
A voz do triste pranto.



## L Y R A XXII.

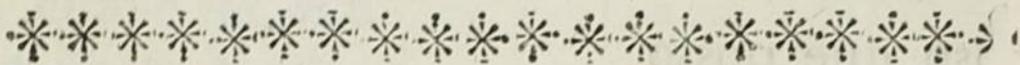
**P** Or morto, Marilia,  
Aqui me reputo:  
Mil vezes escuto  
O som do arrastado,  
E duro grillão.  
Mas, ah! que não treme,  
Não treme de susto  
O meu coração.

A chave lá sôa  
Na porta segura :  
Abre-se a escura ,  
Infame masmorra  
Da minha prizão.  
Mas , ah ! que não treme ,  
Não treme de susto  
O meu coração.

Eu vejo , Marília ,  
A mil innocentes  
Nas Cruzes pendentés ,  
Por falsos delictos ,  
Que os homens lhes dão.  
Mas , ah ! que não treme ,  
Não treme de susto  
O meu caracão.

Se o uso que posso  
Perder o gozar-te ,  
A gloria de dar-te ,  
Abraços honestos ,  
E beijos na mão .  
Marilia , já treme ,  
Já treme de susto  
O meu coração .

Repára , Marilia ,  
O quanto he mais forte  
Ainda que a morte ,  
N'um peito esferçado  
De amor a paixão .  
Marilia , já treme ,  
Já treme de susto  
O meu coração .



## L Y R A XXIII.

**N** ão praguejes, Marilia, ão praguejes  
 A justiceira mão que lança os ferros:  
 ão traz de balde a vingadora espada,  
 Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem  
 As mãos se derão, e em seu peito moraõ.  
 Manda prender ao Réo austera a boca,  
 Porém seus olhos choraõ.

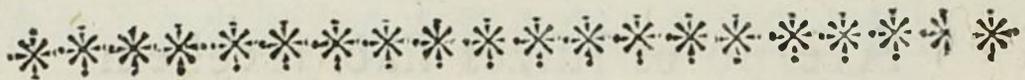
Se á innocencia denigre a vil callumnia  
 Que culpa aquelle tem que applica a penna?  
 ão he o Julgador, he o processo,  
 E a lei quem nos condemna.

Só no Averno os Juizes não recebem  
Accusação , nem prova de outro humano .  
Aqui todos confessão suas culpas ,  
Não pôde haver engano.

Eu vejo as Furias affligindo aos tristes:  
Huma o fogo chega , outra as serpes move ;  
Todos maldizem sim a sua estrella ,  
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe ,  
Bem que a prizão me dá que eu não mereço.  
Qual eu sou , minha bella , não me trata ,  
Trata-me qual pareço.

Quem suspira , Marilia , quando pune  
Ao vassallo que julga delinquente ;  
Que gosto não terá podendo dar-lhe  
As honras de innocente ?



## L Y R A XXIV.

**E**U vou, Marilia, vou brigar co' as feras:  
Huma soltáraõ, eu lhe finto os passos,  
Aqui aqui a espero  
Nestes despídos braços.

He hum malhado tigre; a mim já corre,  
Ao peito o aperto, estalaõ-lhe as costelas',  
Desfallece, cahe, urra, treme, e morre.

Vem agora hum Leão : sacode a grenha ,  
Com faminta paixão a mim se lança ;  
Venha embora , que o pulso  
Ainda não se cança.

Opprimo-lhe a garganta , a lingua estira ,  
O corpo lhe fraquêa , os olhos inchaõ ,  
Açoita o chaõ convulso , arqueja , e espira ,

Mas que vejo , Marilia ! tu te assustas ?  
Entendes que os destinos inhumanos  
Expoem a minha vida  
No cêrco dos Romanos ?

Com ursos , e com onças eu não luto.  
Luto c'õ bravo monstro que me accusa ;  
Que os tigres , e leões mais féro , e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima  
Da vil calumnia a cortadora espada ;  
Huma alma , qual eu tenho ,  
Não se recêa a nada.

Eu hei-de , fim , punir-lhe a insolencia ,  
Pizar-lhe o negro cóllo , abrir-lhe o peito  
Co' as armas invenciveis da innocencia.

Ah , quando imaginar , que vingativo  
Mando que desça ao Tartaro profundo  
Hei-de com mão honrada

Erguer-lhe o corpo immundo.  
Eu então lhe direi : Infame , indíno ,  
Obras como costuma o vil humano ;  
Faço o que faz hum coração divino.



## L Y R A XXV.

**M**Inha Marilia,  
O passarinho,  
A quem roubarão  
Ovos, e ninho,  
Mil vezes pousa  
No seu raminho,  
Piando finge  
Que anda a chorar.  
    Mas logo vòa  
Pela espessura,  
Nem mais procura  
Este lugar.

Se acaso a vacca  
Perde a vitéla,  
Tambem nos mostra,  
Que se desvéla;  
O pasto deixa,  
Muge por ella,  
Até na estrada  
A vem buscar.

Em poucos dias,  
Ao que parece,  
Della se esquece,  
E vai pastar.

O voraz Tempo ,  
Que o ferro come ,  
Que aos mesmos Reinos  
Devora o nome ,  
Tambem , Marilia ,  
Tambem consome  
Dentro do peito  
Qualquer pezar.

Ah só não póde  
Ao meu tormento  
Por hum momento  
Allivio dar.

Tambem ó bella ,  
Não ha quem viva  
Instantes breves  
Na chama activa ;  
Derrete ao bronze  
Sendo excessiva  
Ao mesmo seixo  
Faz estalar.

Mas do amianto  
A fêbra dura  
Na chamma atura  
Sem se queimar.

Tambem , Marilia ,  
Não ha quem negue ,  
Que bem que o fogo  
Nos oleos pegue ,  
Que bem que em lingoas  
A's nuvens chegue ,  
A' força d' agoa  
Se ha de apagar.

Se a negra pedra  
Nós accendemos ,  
Com agoa a vemos  
Mais s' inflamar.

O meu discurso ,  
Marilia , he recto :  
A pena iguala  
Ao meu affecto.  
O amor que nutro  
Ao teu aspecto ,  
E ao teu semblante  
He singular.

Ah ! nem o tempo ,  
Nem inda a morte  
A dôr tão forte  
Póde acabar.



## LYRA XVI.

**A** Quelle , a quem fêz cégo a Natureza ,  
C' o bordão apalpa , e aos que vem pergunta ;  
Ainda se despenha muitas vezes ,  
E dois remedios junta.

De ser céga a Fortuna eu não me queixo ;  
Sim me queixo de que má céga seja  
Céga que nem pergunta , nem apalpa ,  
He porque errar deseja.

A quem gastar não sabe , nem se anima ,  
Entrega as grossas chaves de hum thesoiro ;  
E lança na miseria a quem conhece  
Para que serve o oiro.

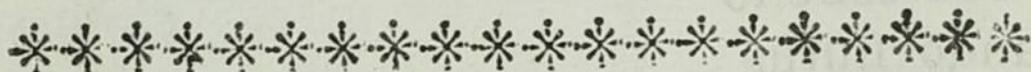
A quem fere , a quem rouba , a infame deixa  
Que a traz do vicio em liberdade corra ,  
Eu honro as leis do Imperio , ella me opprime  
N' esta vil masmorra.

Mas ah ! minha Marilia , que esta queixa  
Co' a sólida razão se não coaduna ,  
Como me queixo da Fortuna tanto ,  
Se sei não ha Fortuna ?

Os Fados , os Destinos , essa Deosa  
Que os Sábios fingem que huma roda move ,  
He só a occulta mão da providencia ,  
A sábia mão de Jove.

Nós he que somos cégos , que não vemos ;  
A que fins nos conduz por estes modos ;  
Por torcidas estradas , ruins varedas  
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas ;  
C' o seu merecimento o virtuoso ;  
Parecer desgraçado , ó minha bella ,  
He muito mais honroso.



## L Y R A XXVII.

**A** Minha amada  
He mais formosa  
Que branco lyrio ,  
Debrada rosa ,  
Que o cinnamomo ,  
Quando matiza  
Co' a folha a flor.  
Venus não chega  
Ao meu Amor.

Vasta campina  
De trigo chêa ,  
Quando na sésta  
C'o vento ondêa ,  
Ao seu cabello  
Quando flutua  
Não he igual.  
Tem a côr negra :  
Mas quanto val !

Os astros , que andão  
Na esfera pura ,  
Quando scintillão  
Na noite escura ,  
Não são , humanos ,  
Tão lindos , como  
Seus olhos são ,  
Que ao Sol excedem  
Na luz que dão.

A's brancas faces ,  
Ah ! não se atreve.  
Jasmins de Italia ,  
Nem inda a neve ,  
Quando a desata  
O Sol brilhante  
Com seu calôr.  
São neve , e causão  
No peito ardor.

Na breve boca  
Vejo enlaçadas  
As finas per'las  
Com as granadas ;  
A par dos beijos  
Rubins da India  
Tem preço vil.  
Nelles se agarrão  
Amores mil.

Se não lhe dêsse  
Compadecido  
Tanto soccorro  
O Deos Cupido ;  
Se não vivêra  
Huma esperança  
No peito seu ;  
Já morto estava  
O bom Dirceo.

Vê quanto pôde  
Teu bello rosto ;  
E de goza-lo  
O vivo gosto !  
Que sobmergido  
Em hum tormento  
Quasi infernal ;  
Porqu' inda espero  
Resisto ao mal.



## LYRA XVIII.

**D** Etē-te , vil humano  
Não espremas cicutas  
Para fazer-me damno.

O çumo que ellas dão he pouco forte ,  
Procura outras bebidas ,  
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo ,  
Ajunta ahi venenos ,  
Que nunca visse o mundo ,  
Traz o negro licôr , que tem nos dentes ,  
Nos dentes retorcidos  
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado ,  
Que pôz a Natureza  
Dentro no Mar salgado ,  
Não se abala no meio da tormenta ,  
Bem que huma onda . e outra onda  
Sobre elle em flor rebenta .

Arvore , que na terra  
As robustas raizes ,  
Buscando o centro , afferra ,  
Não teme ao furacão mais violento ;  
E menos se se deixa  
Vergar do rijo vento .

*João P. B. Franco*

*1890-26*

Sou tronco , e rócha , ó bella ,  
Que açoita o Sul que brama ,  
E o Mar , que se encapella :  
Não temas que do rosto a côr se mude :  
Vence as róchas , e os troncos  
A sólida Virtude.

A maior desventura  
He sempre a que nos lança  
No horror da sepultura :  
O cobarde a morrer também caminha ;  
Com que males não póde  
Huma alma como a minha ?



## L Y R A XXIX.

**E**U descubro procurar-me  
Gentil mancebo , e loiro ,  
Trazia a testa adornada  
Com folhas de verde loiro.  
Vejo ser o Pai das Musas ,  
E me entrega a lyra d' oiro.

Já basta , me diz , ó filho ,  
Já basta de sentimento ;  
O cansado peito exige  
Hum breve contentamento.  
Louva a formosa Marilia  
Ao som do meu instrumento ,

Firo as cordas; mas que importa? \*\*\*  
 A dôr não socega em tanto.  
 Ergo a voz, então reparo  
 Que quanto mais corre o pranto,  
 He mais doce, e mais sonoro  
 Meu terno, e saudoso canto.

Apollo fitou os olhos  
 Na mão, que regia o braço;  
 E depois de estar suspenso  
 De me ouvir hum largo espaço,  
 Assim diz: o *Deos Cupido*  
*Faz inda mais do que eu faço.*

*Eu te dou a minha lyra,*  
*Louva, louva a tua Bella;*  
*Porém vê que ta concedo*  
*Com condição, e cautella. . . .*  
 Eu lhe corto a voz, dizendo,  
 Que só canto em honra della.



L Y R A XXX.

**O** pai das Musas,  
 O Pastor loiro  
 Deo-me, Marilia,  
 Para cantar-te  
 A lyra de oiro.

As cordas firo,  
 O brando vento  
 Teus dotes leva  
 Nas brancas azas  
 Ao firmamento.

O teu cabelo  
Vale hum thesoiro ;  
Hum só me adorna  
A sabia frente  
Melhor que o loiro.

Nesses teus olhos  
Amor assiste ;  
Delles faz guerra ;  
Ninguem lhe foge ,  
Ninguem resiste.

Algumas vezes  
Eu o diviso  
Tão bem occulto  
Nas lindas cóvas ,  
Que faz teu riso.

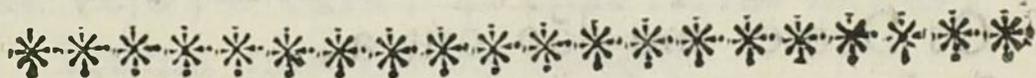
Nesses teus peitos  
Tem os seus ninhos  
Destros Amores,  
Nelles se gerão  
Os Cupidinhos.

Vences a Venus,  
Quando com arte  
As armas toma,  
Porque mais prenda  
Ao fero Marte.

Eu produzia  
Estas idéas,  
Quando, Marilia,  
O som escuto  
Das vis codêas.

Dou hum suspiro ,  
 Corre o meu pranto ;  
 E inda bebendo  
 Lagrimas tristes ,  
 De navo canto.

Sou da constancia  
 Hum vivo exemplo.  
 E vós , ó ferros ,  
 Honrareis inda  
 De Amor o Templo.



## L Y R A X.

**R**oubou-me, ó minha Amada , a sorte impia,  
 Quanto de meu gosava  
 N'um só funesto dia.

Honras de maioral , manada grossa ,  
Fertil , extensa herdade ,  
Bem reparada chóça ,

Metteo-me nesta infame sepultura ,  
Que he sepulcro sem honras ,  
Breve masmorra , escura.

Aqui , ó minha Amada , nem consigo ,  
Venha outro desgraçado  
Sentir tambem comigo.

Mas se esta companhia não mereço ;  
Os Deoses me dão outra ,  
Inda de mais apreço.

Não he , não , illusão o que te digo ;  
Tu mesma me acompanhas ;  
Peño , mas he comtigo

Não vejo as tuas faces graciosas  
Os teus soltos cabellos  
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse , infeliz me não dissera ,  
Bem que subira ao Potro  
Bem que na Cruz pendêra.

Não ouço as tuas vozes magoadas  
Com ardentes suspiros  
A's vezes mal formadas.

Mas vejo , ó cara , as tuas letras bellas ;  
Huma por huma beijo ,  
E choro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino ;  
Que o teu amor na ausencia  
Será leal , e fino.

De novo a carta ao coração aperto,  
De novo a molha o pranto  
Que de rennura verto.

Ah! leve muito embora o duro Fado,  
A tudo quanto tenho  
Com meu suor ganhado.

Eu juro, que do roubo nem me queixe,  
Com tanto, ó minha cara,  
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subirão,  
Os que te amão, sómente  
Porque menos te ouvirão?

Dê pois aos mais seus bens a Deosa cega:  
Que eu tenho aquella gloria,  
Que a mil felizes nega.



## L Y R A XXXII.

**S**E o vasto mar se encapella,  
E na rócha em flor rebenta,  
Grossa náó, q' não tem léme,  
Em vão sustentar-se intenta;  
Até que naufraga, e corre  
A' discrição da tormenta.

Quem não tem huma Belleza,  
Em que ponha o seu cuidado,  
Se o Ceo se cobre de nuvens,  
E se assopra o vento irado,  
Não tem forças que resistão  
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra,  
Aonde, Marilia, vivo,  
Encosto na mão o rosto,  
Fico ás vezes pensativo.  
Ah! que imagens tão funestas  
Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra,  
Marilia, toda enlutada,  
A face de hum pai rugosa,  
N'um mar de pranto banhada,  
Os amigos mascilentos,  
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos  
Para outro lado,  
Vejo n'uma grande Praça  
Hum theatro levantado.  
Vejo as Cruzes, vejo os Potros,  
Vejo o Alfanje afiado.

Hum frio suor me cobre,  
 Lação-se os membros, suspiro,  
 Busco allivio ás minhas ancias,  
 Não o descubro, deliro.  
 Já, meu Bem, já me parece,  
 Que nas mãos da morte espiro.

Vem-me então ao pensamento  
 A tua testa nevada,  
 Os teus meigos, vivos olhos,  
 A tua face rosada,  
 Os teus dentes crystallinos  
 A tua boca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,  
 Que a negra noite affugenta,  
 Qual o Sol, que a nevoa espalha  
 Apenas a terra aqueenta,  
 Ou qual Iris, que o Ceo limpa,  
 Quando se vê na tormenta.

Assim, Marilia, desterro  
 Triste illusão e demencia;  
 Faz de novo o seu officio,  
 A razão, e a prudencia;  
 E firmo esperanças doces  
 Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,  
 Sóbe a viva côr ao rosto;  
 Gyra o sangue pela vêa,  
 E bate o pulso composto.  
 Vê, Marilia, o quanto pôde  
 Contra os meus males teu rosto.

F I M.

MARILIA  
DE  
DIRCEO.

M A R T I N  
D E  
D I E T O R

MARILIA  
DE  
DIRCEO.

POR T. A. G.

TERCEIRA PARTE.

*Nova edição.*



RIO DE JANEIRO:  
NA IMPRESSÃO REGIA!

*Com Licença de S. A. R.*

1810.

MARILIA

DE

DIRECTO.

FOR. A. G.

TERCEIRA PARTE.

Novo edição.



RIO DE JANEIRO.

NA IMPRESSÃO REGIA.

Com Licença de S. M. R.

1810.

## PROLOGO.

**S** Em nos constituir-mos ingratos, não nos podiamos subtrahir á publicação desta Terceira Parte de MARILIA de DIRECTO. A acceitação com que o respeitavel Publico recebeu a Primeira, e Segunda Parte, exigia huma impreterivel correspondencia; por cujo motivo não nos quizemos poupar ao excessivo trabalho de recolher com a mais exacta legalidade os Versos, de que se compoem este Folheto, obtidos das mãos de alguns Curiosos, que por saberem avaliar o merecimento do teu Autor, com todo o cuidado os conservavão.

Poucos Poetas até o presente tem

cantado tão bem amor, e ternura, como o nosso: elle nos descreve a natureza em toda a sua energia; e com as mais sensíveis, e modesta côres nos pinta os effeitos de huma viva paixão. Aonde se encontrarão tantas bellezas, tanto mimo Poetico como na prezente Collecção! Nós vemos dispersas por esta Obra a brandura dos *Matos*, a pureza dos *Quitás*, a sublimidade dos *Garções*; em fim a suavidade, e as mais graças, que em particular se admirão em cada hum dos mais celebrados Poetas, encontrámos, bem como em compendio, nos versos do nosso Poeta.

A prompta extracção de quasi dous mil exemplares da Primeira, e Segunda Parte destas Lyras em menos de seis mezes, he hum irrefragavel argumento, do que acabamos de dizer; apenas appareceu a Primeira Parte, de tal sorte foi recebida, dos que amão os encantos da Poesia, que nos vimos precisados a reimprimi-la,

para satisfazermos a quem no-la buscava ; motivos estes , que cooperarão para a publicação desta Terceira Parte , que não só pelo seu merecimento ; como por completar a Collecção , esperamos corra a mesma fortuna das outras ; ficando por este modo satisfeitos os senhores Curiosos , que este he só o interesse , que desejamos alcançar das despezas , e longos trabalhos , que tivemos em proporcionar-lhes a satisfação do seu gosto.

para estabelecermos a guerra de in-  
 dicações, que o governo para a pu-  
 blicação desta Terceira Parte, que não  
 se pelo seu merecimento, como por com-  
 petência do Collecto, e cedermos com a  
 mesma forma das outras, ficando por  
 esse modo satisfeitos os senhores Cui-  
 sos, que este não é o interesse, que de-  
 se sempre aliciam das despesas, e longos  
 trabalhos que tivemos em proporcionar  
 esta satisfação do seu gosto.



M A R I L I A

D E

D I R C E O.

---

L Y R A III.

**C**OMO alegre vem nascendo

A serena madrugada!

Já d'aurora a luz dourada

Duvidosa vem raiando.

E tu descançando,

Marilia formosa,

Escutar não vens

Minha voz saudosa.

O suave rouxinol

Na desampara o seu ninho;

E no torcido raminho

Namorado está cantando.

E tu descansando ,  
Marilia formosa ,  
Escutar não vens  
Minha voz saudosa.

O solícito pastor  
Lá sáe do pobre agasalho ;  
E pelo rude trabalho  
O descanso vai deixando.

E tu descansando ,  
Marilia formosa ,  
Escutar não vens  
Minha voz saudosa.

Ainda a luz matutina  
Com a noite s'equivocava ;  
Ja eu , ó Marilia , estava  
Pelo teu nome chamando.

E tu descansando ,  
Marilia formosa ,  
Escutar não vens  
Minha voz saudosa.

Não penses que desgostoso ,  
Queixas fórmo contr'Amor ;  
Mil canções em teu louvor  
Brandamente estou cantando.

E tu descansando ,  
Marilia formosa ,  
Escutar não vens  
Minha voz saudosa.

Canto ao som da minha Lyra  
Tua rara perfeição ,  
Com que Amor doura o grillão ,  
Que alegre vou arrastando.  
E tu descansando ,  
Marilia formosa ,  
Escutar não vens  
Minha voz saudosa.

Mas que sobresalto ! eu vejo  
No prado andar humma Estrella !  
Ah ! não , he Marilia bella ,  
Que para mim vem chegando.  
Delicias deixando ,  
Marilia formosa ,  
Vem meiga escutar  
Minha voz saudosa.



## L Y R A II.

**N**'UMA escura gruta,  
 Funebre, e sombria,  
 Onde entrar não pôde  
 Esplendor do dia.

O Mago Sileno  
 Sózinho habitava;  
 E nella d'amor  
 Mystérios sondava.

O terno Dirceo  
 A este sitio corre:  
 Dirceo, que d'amores  
 Por Marilia morre.

Eis que ao sitio chega  
 Que horrores exala  
 Desta sorte ao Mago,  
 Tremendo lhe falla:

Oh!

*Oh ! tu grão Sileno ,  
Que á força d'encanto  
Tornas em prazer  
D'amantes o pranto.*

*Dize-me , se tanto  
Poder em ti ha :  
A minha Marilia  
Constante será ?*

*Basta : diz o Mago ;  
E sem se deter ,  
Em hum livro pega ,  
E se pôz a lêr.*

*Ossos serpentinos ,  
Seccos , e mirrados ,  
A arder logo poem  
Feitos em bocados.*

*Eis que o fogo accende ,  
Esparge no fumo  
D'hervas venenosas  
Destifero çumo.*

*Tres vezes invoca  
D'Erycina o nome ;  
Em quanto a materia  
O fogo consome.*

Apenas s'extingue,  
 Estrondo s'escuta;  
 Q' até de temor  
 Estremece a gruta.  
 Em nuvem dourada  
 Amor apparece;  
 Que com mão mimosa  
 Huma coroa tece.

*Escuta, Dirceo,*  
*Amante feliz;*  
 C'uma voz divina  
 Amor então diz:

*Mais firme, que a rocha*  
*Dos ventos soprada;*  
*Marilia será*  
*Por Dirceo amada.*



## L Y R A III.

**L**EO-SE-ME em fim a sentença  
Pela desgraça firmada ;  
Adeos , Marilia adorada ,  
Vil desterro vou soffrer.

Auzente de ti , Marilia ,  
Que farei ? irei morrer.

Que vá para longes terras ,  
Intimarem-me eu ouvi ;  
E a pena que então senti ,  
Justos Ceos ! não sei dizer.

Auzente de ti , Marilia  
Que farei ? irei morrer.

Mil penas estou sentindo  
Dentro n'alma; e por negaça  
Me está dizendo a desgraça,  
Auzente de ti, Marilia,  
Que farei? irei morrer.

Por deixar os patrios Lares,  
Não me fere o sentimento;  
Porém suspiro, e lamento  
Por tão cedo te perder.  
Auzente de ti, Marilia,  
Que farei? irei morrer.

Não são as horas que perco,  
Quem motiva a minha dór;  
Mas sim ver, que o meu amor  
Este fim havia ter.  
Auzente de ti, Marilia,  
Que farei? irei morrer,

A mão do fado invejoso  
Vai quebrando em mil pedaços  
Os doces, suaves laços,  
Com q' amor nos quiz prender.  
Auzente de ti, Marilia,  
Que farei? irei morrer.

Da desgraça a lei fatal  
Póde de ti separar-me ;  
Mas nunca d'alma tirar-me  
A gloria de te querer.

Auzente de ti, Marilia,  
Hei de amar-te até morrer.



## LYRA IV.

**Q**UE vezes julga, que morre  
Hum naufragante no mar;  
E então a sorte o soccorre,  
Levando-o a salvação!  
Só eu na escura prizão,  
Aonde morrendo vivo,  
Não encontro lenitivo  
Na minha dura affição.

Lutando com a pobreza ,  
Vive o mortal indigente ;  
Té que a próvida riqueza  
O tira da precisão.

Só eu na escura prizão ,  
Aonde morrendo vivo ,  
Não encontro lenitivo  
Na minha dura afflicção.

Combatendo o inimigo  
Encontra o Soldado a sorte ,  
Q' o livra de todo o p'riço  
Na mais arriscada acção.

Só eu na escura prizão ,  
Aonde morrendo vivo ,  
Não encontro lenitivo  
Na minha dura afflicção.

Ao sôm do pezado ferro  
Chora o triste degradado ;  
Té que o livra do desterro  
Huma poderosa mão.

Só eu na escura prizão,  
Aonde morrendo vivo,  
Não encontro lenitivo  
Na minha dura afflicção.

No carcere , ou no degredo ,  
Na doença , ou na pobreza ,  
Ou lá mais tarde , ou mais cedo  
Todos tem consolação.

Tambem eu nesta prizão ,  
Aonde morrendo vivo ,  
He Marilia o lenitivo  
Na minha dura afflicção.



LYRA V.

**F**ulgidas Estrellas  
Logo s' amortecem ,  
Tanto que apparecem  
De Titan os raios.

Tam-

Tambem se Marilia  
Mostra a face pura ;  
Toda a formosura  
Padece desmaios.

Seu lindo rosto ,  
Encantador  
He doce paga  
Do meu amor.



## L Y R A IV.

V A I D O S A a Fortuna  
Da sua riqueza  
D' amor escarnece  
A triste pobreza.

Risonha o condnz  
A seu Templo , aonde  
Immensas riquezas  
Dos mortaes esconde.

As portas do Templo  
De fino Ouro são ;  
E em rijos brilhantes  
Cravadas estão.

Apenas que as vê  
A Deoza potente ,  
Qual o relampago ,  
Se abrem de repente.

Da

Da parte de dentro  
Se vê tão sómente  
Safiras , rubins ,  
E o metal fulgente.

D'um lado em cofres  
Que só d'ouro são ,  
Coróas , e Sceptros  
Fechados estão.

E para outro lado  
Espadas , bastões ,  
E corôas de louro  
Estão aos montões.

Pelo chão sem nu'mro  
Rólão diamantes  
Pedras preciosas ,  
Metaes rutilantes.

Em eburneo throno ,  
Qual outro não ha ,  
A Deoza s'assenta  
Se no Templo está.

Em

Em fúlgidos vasos  
Ante o seu altar ,  
Gomas Nabatheas  
Ardem sem cessar.

A' Amor com vaidade  
A Deoza mostrava  
Toda esta riqueza ,  
Que em seu Templo estava.  
Depois com desdem ,  
Surrindo lhe diz :  
*Então meu menino*  
*Tu es tão feliz ?*

O terno Cupido  
Que de raiva estalla ;  
A' Deoza voluvel  
Desta sorte falla :  
*Se de ouro , nem pedras*  
*Tu vês sou senhor ;*  
*Tambem tenho bens*  
*De maior valor.*

Dizendo isto partem  
Em vôo despedido  
Ao Templo, onde amor  
Se venéra em Gnido.

*Agora verás*  
Lhe diz: *hum thesouro,*  
*Que val muito mais,*  
*Que todo o teu Ouro.*  
Contente lhe mostra  
Marilia engraçada,  
De amantes dezejos  
Em torno cercada.

Eisque a Deoza vê  
Marilia formosa;  
Confessa a victoria,  
E foge raivosa.



## L Y R A VII.

**E**M quanto o sordido aváro  
No seu thesouro empregado,  
Sem cessar conta o dinheiro  
Com mil usuras ganhado:  
Sem jámais descanso ter  
Com o receio de o perder:

Em quanto no fragil vaso  
Corta o Nauta o falso mar,  
Para de longiquas terras  
Os cabedaes transportar;  
Arriscando nesta lida  
Co' a riqueza a propria vida:

Em quanto audaz General  
Com ataques, e sortidas  
Manda á fria Libitina.  
Com a sua tristes vidas ;  
Só para fazer distincto  
O seu nome do sangue tinto :

Eu á margem deste rio  
Onde o gado a pastar deito ,  
De Marilia a doce imagem  
Conservo dentro em meu peito :  
E ao som da suave Lyra  
Canto idéas que amor me inspira.



## L Y R A VIII.

**H** U M dia que o gado  
No prado guardava ;  
Amor me apparece  
Com arco , e aljava.

No tronco mais verde  
Que no prado ouvesse  
Amor me mandou ,  
Seu nome escrevesse.

Contente parti  
Hum tronco buscar ,  
Para nelle as ordens  
Prompto executar.

No tronco d'um freixo  
Que viçoso vi ;  
Quiz gravar amor,  
Marilia escrevi.

Tanto que amor vê  
O engano feliz ,  
O nome beijando  
Alegre me diz :

*Não temas Dirceo  
Não mudes de côr ;  
Nesse doce nome  
Escreveste amor.*



## L Y R A IX.

**C**OMO correm brandamente  
Da noite as horas sombrias!  
Que manso murmúrio fazem  
Deste rio as agoas frias.

A negra tristeza  
Que o sitio produz  
Minha alma conduz  
A mil agonias.

As Opacas , grossas nuvens  
Que do Sul correndo vão ,  
A furto deixão raiar  
Da Lua o frôxo clarão.

A palida luz  
Q' a medo apparece ;  
Ah ! quanto entristece  
Esta solidão.

Noctivagas aves girão  
Neste lugar pavoroso ;  
E quanto he melancolico  
O seu grasnido horroroso !  
    Seu funebre Canto ,  
    Correio d' afflicção ,  
    Faz meu coração  
    Mais triste , e saudoso .

Em busca de infeliz preza,  
Huns com os outros topando,  
Andão carnívoros lobos  
Pelos montes ululando.

E se acaso pastão  
Por estes arbustos,  
Mil gélidos sustos  
Me estão motivando.

Em fim quanto vejo, e sinto  
Nesta triste solidão:  
Tudo está reproduzindo  
A mais horrida afflicção.  
Funebres horrores  
Que causão espanto  
Meu lugubre pranto  
Promovendo estão.

Mas se Marilia agora  
Neste horror apparecia;  
Depressa a noite mudava  
Mais brilhante do que o dia.  
Seus olhos formosos,  
Que mil prizões tecem;  
Aonde apparecem  
Tudo he alegria.



## LYRA X,

**A**' BELLA Cyth'rea  
 Do rosto claro  
 Lagrimas correm  
 Por ter perdido  
 O filho caro.

Ternos soluços  
 D'alma nascidos  
 A Deoza exalla;  
 E aos ares sobem  
 Com mil gemidos.  
 Aos Ceos dirige  
 A marga queixa;  
 E contra o filho  
 Que ama, e não vê;  
 Assim se queixa:

Onde t' escondes? \*

Porque fugiste?

Sem te lembrares,

Venus ficava

Saudosa, e triste.

Sem ti Adonis

Feio parece;

Marte sem ti

Doces encantos

Me não merece.

Vem a meus braços

Prenda querida;

E sem demora

Vem a meu peito

Dar nova vida.

Debalde em Gaido  
Ver-te pensei;  
Em Chypre, e Paphos  
Da mesma sorte  
Em vão busquei.

Já que não ouves  
O meu chamar  
Ao mesmo Averno  
Se p'ra lá foste  
Te irei buscar.

Qual velóz seta  
Que o ar sacode;  
Venus partio  
Buscando amor  
Que achar não póde.

Corre em vão todo  
Reino da morte;  
Tê que por fim  
Junto a Marilia  
A guía a sorte.  
No seu cabelo  
Que tem cahido,  
Alegre a Deoza  
Encrontra amor  
Nelle perdido.



## LYRA XI.

**E**RGASTULO cruento  
Onde não entra a Aurora!  
Pensas que a sombra tua  
A vida me devora?

Não penses tal maldade,  
Eu morro de saudade.

Se penses que os teus ferros  
Horribeis, e pezados,  
Me tem os rijos ossos  
Com dores traspassados;

Não penses tal maldade,  
Eu morro de saudade.

Se pensas que a tristeza  
Desta masmorra escura,  
Me leva por momentos  
A' fria sepultura:

Não penses tal maldade,  
Eu morro de saudade.

Se o álito que deitas  
Tu julgas que me impesta;  
Se pensas que a matar-me  
Já pouco, ou nada resta:

Não penses tal maldade,  
Eu morro de saudade.

Se a falta de alimento,  
Se atrabalhosa lida,  
Tu (pensas que me ttrão  
As forças para a vida:  
Não penses tal maldade,  
Eu morro de saudade.

Se a pobre nudez minha  
Tu julgas que me abate;  
E cuidas que me vence  
Tão rígido combate:  
Não penses tal maldade,  
Eu morro de saudade.

Se pensas que essas furias  
Alectos , e Megéras ,  
Me pôdem dentro d'alma  
Tirar d'amor as véras:  
Não penses tal maldade ,  
Eu morro de saudade.

Se pensas que da sorte  
O horrído governo  
Me leva a cada passo  
Ao tenebroso Averno :  
Não penses tal maldade ,  
Eu morro de saudade.

Já que até agora,  
Horrido canto  
Com turvo pranto  
Soltei ao ar:  
    Por ti Marilia  
    Vou suspirar.

Não são os ferros  
Que me atormentão;  
Nem mais augmentão  
Este pezar.  
    Por ti Marilia  
    Vou suspirar.

Tudo soffrera,  
Nada sentira;  
Se aqui te vira  
Neste lugar.

Por ti Marília  
Vou suspirar.

Só com teus olhos,  
Breves instantes,  
Dias brilhantes  
Me podes dar.

Por ti Marília  
Vou suspirar.

*João Baptista de Almeida*

*João de*

Quando discorro,  
Que te não vejo,  
Nem hum bocejo  
Posso formar:  
    Por ti Marilia  
    Vou suspirar.

Vencerás tudo  
Quanto me atterra;  
Não temo guerra  
Tendo-te a pár:  
    Por ti Marilia  
    Vou suspirar.

Estes trabalhos  
Não me dão corte;  
Conduz-me á morte  
Não te gozar.  
Por ti Marilia  
Vou suspirar.

Mas basta já de canto :  
Ergástulo cruento !  
Bem vês que não me aterra  
Teu horrído tormento.  
Acaba a humanidade  
Nas garras da saudade.

Se aqui vier hum dia  
Marilia linda, e bella,  
A quem minha alma adora;  
Lhe dize, que por ella  
Acaba a humanidade  
Nas garras da saudade.



LYRA XII.

*Fortuna , e Dirceo.*

**D**E Cresso as riquezas  
Te mostro , Dirceo ,  
Se deixas Marilia  
Será tudo teu.  
Serás grande senhor ,  
De nada val amor.

De marmor Marpezio ,  
De Tectos dourados ,  
Teus grandes palacios  
Serão respeitados.

Serás grande senhor ,  
De nada val amor.

Em aureas Berlindas ,  
Por Urcos puxadas ,  
Serás conduzido  
Com armas gravadas.

Serás grande senhor ,  
De nada val amor.

A pompa luzente  
Da Corte brilhante  
Dirceo por honrar-te  
Terás todo o instante.

Serás grande senhor,  
De nada val amor.

Se luxo quizeres  
Terás luxo tanto;  
Que dês aos mais horas  
D'inveja, e de pranto.

Serás grande senhor,  
De nada val amor.

Trazer-te-ha nas palmas  
A propria grandeza;  
Que tudo he sublime,  
Aonde ha riqueza.

Serás grande senhor,  
De nada val amor.

Se Throno quizeres  
Dar-te-hei alto Throno;  
De terras, e Reinos,  
Dirceo, serás dono.

Serás grande senhor,  
De nada val amor.

Apenas deixares  
Marilia formosa,  
De tudo o que digo  
Sem dúvida goza.  
Serás grande senhor,  
De nada val amor.

*Dirceo.*

Fortuna, que buscas  
Com tantos poderes;  
Com outros reparte  
Teus grandes haveres.

Não quero ser senhor,  
Mais rico sou d'amor.

A prata burnida  
Por mão delicada  
A frente tão branca  
Não he comparada.

Não quero ser senhor,  
Mais rico sou d'amor.

Quaes são as Safiras ,  
Que breves instantes  
Lhe deixem sem lustre  
Seus olhos brilhantes.

Não quero ser senhor ,  
Mais rico sou d'amor.

As rozas mais rubras ,  
A côr da Açucena ,  
Lhe mostrão na face ,  
Que lucida scena !

Não quero ser senhor ,  
Mais rico sou d'amor.

Na boca formosa ,  
Rubís delicados ,  
Lhe deixão pequenos  
Recintos fechados.

Não quero ser senhor ,  
Mais rico sou d'amor.

Mas ah ! que eu não busco  
Marilia pintar-te ;  
Por outros motivos  
Dezejo raivar-te.

Não quero ser senhor ,  
Mais rico sou d'amor.

Se tu pódes tanto ,  
Fortuna invejosa ;  
Porque me não tiras  
Marilia formosa ?

Não quero ser senhor ,  
Mais rico sou d'amor.

Marilia he constante ,  
Dirceo se disvella ,  
Mais bens não dezeirão  
Nem elle . nem ella.

Não quero ser senhor ,  
Mais rico sou d'amor.

Val tanto Marilia,  
Fortuna cruenta;  
Que a seus predicados,  
Que mais s'accrescenta?  
Não quero ser senhor,  
Mais rico sou d'amor.

Se tu por Marilia  
Me dás prata, e ouro  
He que ella mais val  
Que todo o Thesouro.  
Não quero ser senhor,  
Mais rico sou d'amor.

Se pompa , e grandeza  
Por ella me tornas ;  
Com ella , oh Fortuna ,  
O Templo mais ornas.  
Não quero ser senhor ,  
Mais rico sou d'amor.

Eu quero a Marilia  
Não quero riquezas ;  
No extremo sou grande ,  
Não busco grandezas.  
Não quero ser senhor ,  
Mais rico sou d'amor.

Se pobre me vires,  
Eu nunca exespero;  
Pois tenho a Marilia  
De ti nada quero.

Não quero ser senhor,  
Mais rico sou d'amor.

Fortuna, não quero  
Mais ver-te, importuna;  
Quem tem a Marilia  
Tem toda a fortuna.

Não quero ser senhor,  
Mais rico sou d'amor.

De mim , oh Fortuna ,  
Te vinga raivosa ;  
Porque ati prefiro  
Marilia formosa.

Não quero ser senhor ,  
Mais rico sou d' amor.



## L Y R A X I.

**E**m carro de branca neve  
Pelos Aquilões puxado,  
Assoprando rijos ventos,  
Vai fugindo a longes passos  
O triste Inverno engilhado.

Comsigo levou  
A fria Estação;  
Agora só corre  
Branda viração.

De Favonio a docil aura  
 Já a Primavera respira;  
 E de pullulantes flores  
 Vai vestindo os verdes campos  
 Que o Inverno destruíra.

Ligeiros Zephiros  
 Nas azas sostidos,  
 Por entre os raminhos  
 Adejão perdidos.

Com sôm medonho esta fonte  
No triste inverno corria ;  
Hoje em segredo murmura  
Convidando o caminhante  
Com a linfa pura , e fria.

Com sereno passo  
Por estas campinas  
Os pés vai beijando  
A's lindas boninas.

Que feiticeiros encantos  
Não apresenta a natureza!  
Quanto os meus olhos alcanção,  
Em tudo brilhando está  
Huma natural beleza.

Dispostas sem arte  
Mil cheirosas flores  
O prado matizão  
Com vívidas cores.

Mas

Mas se a meu lado te visse,  
Minha Marilia adorada;  
Os transportes que em mim sinto;  
Mais sublimes os faria  
A tua face engraçada.  
Em teu lindo rosto  
Pôz a natureza  
Magicos encantos  
Da maior belleza.

*Amynthas de Ulbera*

*Carmabrava*



## LYRA XIV:

**C**ONTENTE promette  
Alcino Pastor  
(A dar-lhe Marilia)  
Mil votos a Amor.

O dar-lhe Marilia  
Amor lhe promette;  
Alcino gostoso  
Os votos repete.

Ma-

Marilia adorava  
O seu Pescador  
Sem elle hum momento  
Não tinha calor.

Dirceo desvelado  
Por ella morria ;  
As trutas mais frescas  
Do mar lhe trazia.

Amor bem conhece  
Ser cousa odiosa  
Roubar a Dirceo  
Marilia formosa.

Mas tinha d' Alcino  
Mil votos Amor;  
Pois era na Aldêa  
Mais rico Pastor.

Entrou o vendado  
Na dura batalha ;  
E sobre os amantes  
Ciumes espalha.

Mas são tão firmes  
Os seus corações  
Que o zello não pode  
Quebrar-lhe as prizões.

Amor cavilloso  
Que vive em receio ;  
Se vão a abraçar-se ,  
Se mette no meio.

Os braços abrindo  
Os quer separar :  
Mas fez nos amantes  
Mais fogo atear.

Alcino lhe pede  
Que cumpra a promessa :  
Amor as silladas  
De novo começa.

No braço lhe pega ,  
A ella o presenta ,  
E as faces rozadas  
A elle lhe aumenta.

Marilia engraçada  
Sem ter turbação,  
Põe logo raivosa  
Os olhos no chão.

A elles voando  
Lhos quer levantar;  
Mas ella constante  
Os chega a fechar.

Do cáro Dirceo  
A voz escutando,  
Para onde elle vinha  
Os foi levantando.

Accode-me, accode,  
Oh meu Pescador!  
Marilia tu vinga  
D' Alcino, e d' Amor.

A's vozes accode  
O Amante ligeiro ;  
E toma nos braços  
O bravo frexeiro.

De sorte o aperta ,  
Q' Amor sossobrado ;  
Lhe diz : *Não me mates*  
*Estou emendado.*

*Já sei quanto póde  
A firme constancia ;  
Ou sendo em prezença  
Ou quando em distancia.*

*Alcino raivoso  
Entreu a bradar:  
De ti amor cego  
Me quero vingar.*

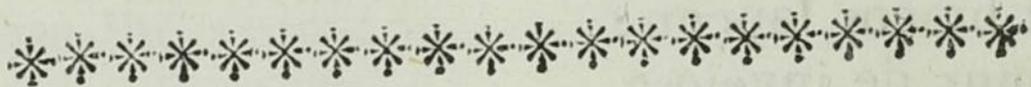
*Já força não tens  
Estupido amor ;  
Enganas a gente  
Não tendo valor.*

*Amor indignado  
O busca ferir ;  
Alcino de medo  
Deitou a fugir.*

Voltou-se aos amantes  
E disse-lhe assim :  
*Busquei separa-los ,*  
*Prende-los mais vim.*

*Quiz dar-te Dirceo*  
*Hum fero rival :*  
*Se he firme a belleza*  
*Astucia não val.*

Dirceo a Marilia  
Os braços lançou:  
Amor de invejoso  
Raivando voou.



## L Y R A X V .

**J**A' quando baixava Fébo  
Do ponto do Meio dia ;  
E nos fogosos Ethontes  
Para o Sepulcro corria :

Marilia , Pastora bella ,  
Branças ovelhas pastava ,  
Junto d'hum bosque frondoso  
Que á margem do Tejo estava.

Sentada no tronco annoso ,  
Que verdes folhas não tinha ;  
Lançava as vistas ao longe  
Para ver se Dirceo vinha.

Na mão direita encostado  
Tinha o divino semblante ;  
E para vê-lo o Deos Loiro  
Parava d' instante a instante

Os olhos põe nas ovelhas ,  
De novo ao monte os erguia ;  
Mas nas garras da saudade  
Dirceo , nem ovelhas via.

De longe a divisa amor  
Conhece-lhe a turbação ;  
Pois só elle por Dirceo  
Lhe governa o coração.

Bate as azas; deu hum vôo  
Junto da Pastora bella:  
Marilia estava de sorte,  
Que não foi sentido della.

Amor então s' escondeo  
Por detrás do tronco annoso;  
Por lhe deixar campo livre  
Ao seu extremo saudoso.

Marilia, a quem já dos olhos  
Corria o sentido pranto ;  
Julgando que só estava ,  
Sólta do peito este canto :

Pastor amado !  
Minha alma , e vida !  
Como sentida  
Aqui me tens ?  
Pastor que esperas ?  
Inda não vens ?

Como he possível  
Que te demores?  
Sem ver que as horas  
Correndo vão?  
Deixas Marilia  
Nesta aflicção?

Eu não te chamo,  
Dirceo, ingrato;  
Teu terno trato  
Mostrado tem,  
Que he só Marilia  
Teu doce bem.

0,154

Na:

Nada duvido  
Desta verdade ;  
Mas da saudade  
Fero rigor  
Rival se mostra  
Do meu amor.

Ah ! que eu me inflamo  
Mais em querer-te ;  
Porém sem ver-te  
Oh justo Ceo !  
Não te demores  
Dirceo , Dirceo.

A saudade foi tão forte  
De Marilia neste passo ;  
Que fica encostada ao tronco ,  
Deixando cair o braço .

Deixa escapar hum gemido ,  
Bem proprio nesta paixão ;  
A vista se lhe perturba ,  
Palpita-lhe o coração .

Amor de susto tremeo :  
Chega a ella de improviso ;  
E diz-lhe: *Marilia bella*  
*Deixa o pranto , solta o riso.*

*Dirceo não tarda hum momento ;*  
*Detraz da montanha o vi ;*  
*Movendo ligeiros passos ,*  
*Antes que eu te visse aqui.*

*Por sinal vinha cantando  
Cantigas ao seu amor ;  
Quero repetir-te aquellas  
Que pude tomar de côr.*

Marilia , minha amada !  
Aonde estás , aonde ?  
Marilia , minha amada !  
Ah ! que ninguem responde  
Marilia , responde  
Por bocca d' amor  
Ao terno Pastor.

Marilia , minha amada !  
Aonde te hei de achar ?

Marilia , minha amada . . .

Não oiço alguém fallar.

Marilia , responde

Por bocca d' amor

Ao terno Pastor.

Marilia , minha amada !

Marilia , doce bem !

Marilia , minha amada . . .

Aqui não vejo alguém.

Marilia , responde

Por bocca d' amor

Ao terno Pastor.

Marilia, minha amada!  
Aonde te hei de ver?  
Marilia, minha amada...  
Eu sinto-me morrer.

Marilia, responde  
Por bocca d'amor.  
Ao terno Pastor.

Ainda mais Dirceo cantava,  
Que eu não pude perceber:  
Ah! Marilia, quanto he justo  
Teu innocente querer!

Mas ah! não vés a Dirceo  
Como corre para nós?  
O Cervo buscando a Cerva,  
Não, não corre tão velóz.

Amor calla ; ella levanta  
 Os olhos té li fechados ;  
 E vendo que Dircéo vinha,  
 Respira doces agradós.

Novo lustre lhe apparece  
 Nas maxillas côr de roza ;  
 Não ha Pastora no Tejo,  
 Como Marilia formosa.

No rosto lhe revoáva  
 Huma tão nova alegria ;  
 Que sendo Marilia bella,  
 Inda mais bella a fazia.

Então Marilia soltando  
Vozes d' amor , e desvello ;  
Já levantada do tronco ,  
Ligeira se apressa a vê-lo.

Amor junto della corre ,  
Que tambem amor queria ,  
Pois enlaçava os amantes ,  
Ter parte nesta alegria.

Dirceo chega , e traz nas mãos  
Venabulo forte aguçado ,  
De sangue cheio , e o pelíco  
Tambem de sangue manchado.

Marilia se assusta logo ;  
De novo treme , e desmaia :  
Amor os braços lhe estende ,  
Porque na terra não cáia.

Dirceo lhe diz: oh Marilia!  
O teu Pastor nada tem:  
Abre os teus luzentes olhos  
Não te assustes caro bem.

Levantou Marilia os olhos,  
Lindos olhos cõr do Ceo;  
E logo encontrou aquelles  
Do seu querido Dirceo.

*Que sangue he esse , oh querido ?*

Marilia lhe perguntou :

Dirceo sorrindo o semblante ,

Desta sorte lhe fallou :

*Quando descendo do Serro*

*Trilhava o nosso caminho :*

*Vejo hum Javali deitado*

*Entre hum alto rosmanninho.*

*Tremi de susto lembrado  
Que tu havias passar ;  
Fosse mais tarde , ou mais cedo  
Junto daquelle lugar.*

*Sem trazer armas algumas  
Temi atacar a fera ;  
Qual seria meu desgosto ,  
Cára Marilia , pondera.*

*Ligeiro busco a Montanha,  
Chego á Cabana, e tomei,  
D'entre os venábulos que tinha  
Este mais forte que achei.*

*Desço a montanha apressado;  
Vejo a fêra, que sobia  
C'os cabellos erissados  
Do lugar em que dormia.*

Corro a ella: a mim se avança;  
 Teu nome invoco, e d'Amor;  
 Fera logo, e na morte  
 Não teve mais que huma dôr.

Vem comigo prenda omada,  
 Vem ver o triunfo meu:  
 Para libertar Marilia  
 Não teme a morte Dirceo.

*Da-me os teus braços em premio  
 Deste trabalho que tive;  
 Tu vives para Dirceo,  
 Dirceo para ti só vive.*

*Então estendendo os braços,  
 Hum ao outro se abraçou:  
 Amor chegando-se a elles  
 Mais os laços apertou.*

Amor cheio de prazer,  
Soltando as vozes ao ar;  
Em louvor dos dous amantes  
Assim começa a cantar:

*Marilia formosa  
Mais bella q' a roza;  
D' amor são desvellos  
Teus negros cabellos,  
Teu rosto gentil.  
Amor te annucia  
Prazer, e alegria,  
Nos braços amantes,  
Nos olhos brilhantes  
Do cáro Dirceo.*

*Dirceo , eu te auguro  
No tempo futuro ;  
Mais ditas , e gosto  
Marilia no rosto  
Te póde mostrar.*

*Constante ventura  
Carinhos , ternura  
Terás conservada  
No peito da amada ,  
No seu coração.*

*Os premios são estes ,  
São estas as vestes ,  
Que amor vos destina ;  
A amar-vos ensina  
No dia melhor.*

Trez vezes bateo as azas  
Sobre Marilia, e Dirceo;  
E rompendo os denços ares  
Delles desapareceo.

*He mais doce que o mel teu terno agrado.*

## SONETO.

**M**arilia chega, que Dirceo t'espera  
 Sobre as candidas azas da alegria:  
 Chega querido bem, trazes o dia,  
 Em que a inveja ferina s'exespera.

Apenas no Orizante amanhecêra,  
 E Fébo os louros raios repartia;  
 Já dentro nesta Aldêa se sabia,  
 Que a causa deste bem, Marilia era,

Tu já yês como salta o Cordeirinho  
 Alegre atraz da mãi no verde prado:  
 Ouves cantar o alado passarinho:

Pizas a inveja, rindo-te do Fado:  
 He mais puro que o leite o teu carinho,  
*He mais doce que o mel teu terno agrado.*

PIO

MARILIA

*Recebe os cultos deste peito amante.*

S O N E T O.

**O** Marilia gentil, ao Templo vamos,  
Onde amor tem na Pira fogo ardente;  
Quero-te alli; dezejo-te presente;  
Pois que os dons da firmeza em nós levamos.

Este o grande Portal; já que chegamos  
Repara nesta Massa reluzente;  
Impuro coração não se consente  
Em torno ás Aras, onde a vista alçamos,

Aqui d'Amor a chama s'accrescenta  
Em todo o peito fido, alma constante;  
Aqui se morde a intriga turbulenta.

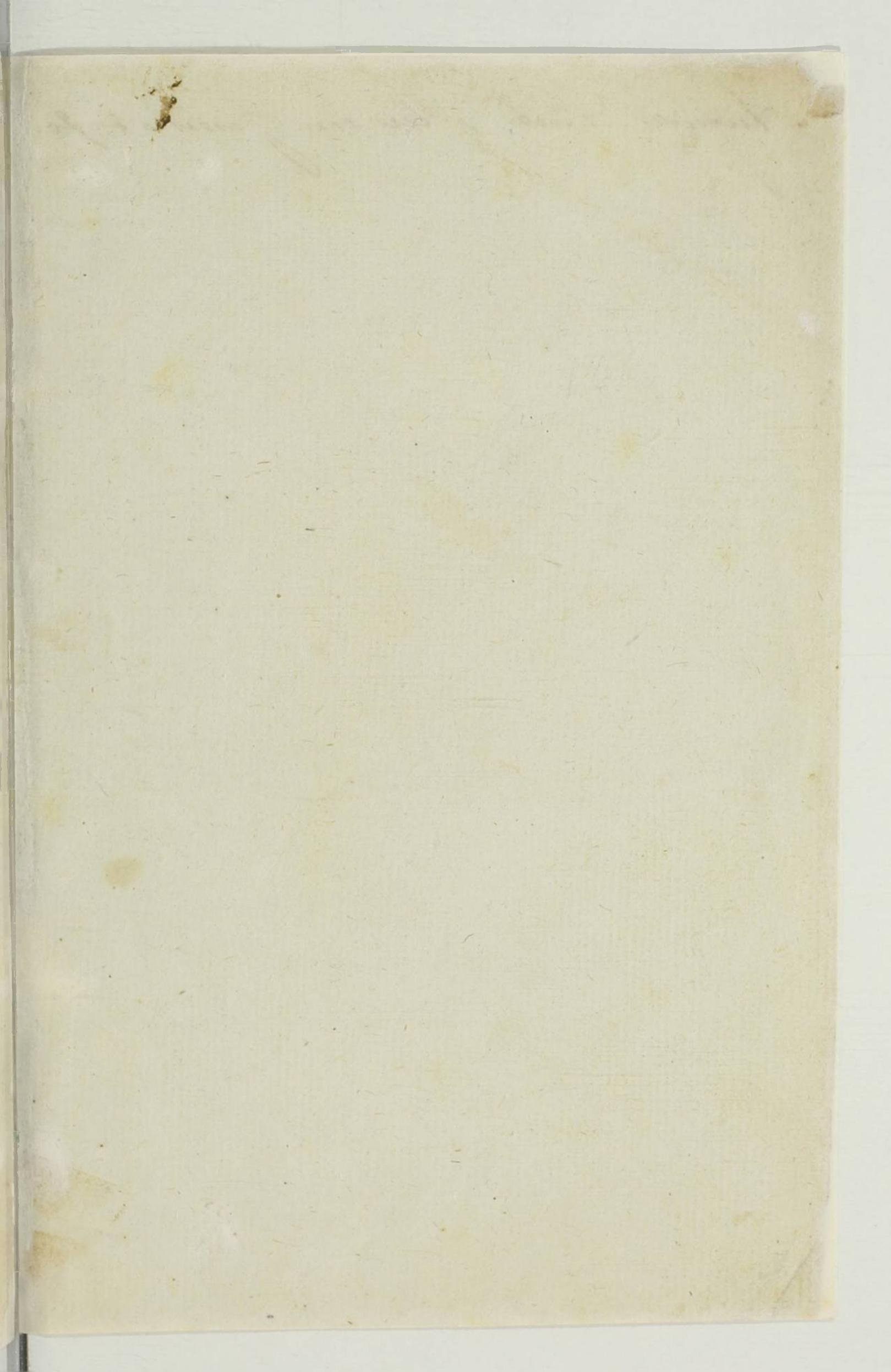
Mas, Marilia! meu bem! hum breve instante  
Ao Altar sobe, junto a Amor t'assenta,  
*Recebe os cultos deste peito amante.*

F I M.

---

*Vende-se na Loja de Paulo Martin por 2400.*

009374



Augusto Pinto e seu em Gombio de fo

150